

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS**

ISMAIR IGNÁCIO JUNIOR

**ANÁLISE DE MUDANÇAS MORFOFONOLÓGICAS NA LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS EM COMPARAÇÃO À PRODUÇÃO EM
LÍNGUA DE SINAIS FRANCESA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**CURITIBA
2014**

ISMAIR IGNÁCIO JUNIOR

**ANÁLISE DE MUDANÇAS MORFOFONOLÓGICAS NA LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS EM COMPARAÇÃO À PRODUÇÃO EM
LÍNGUA DE SINAIS FRANCESA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, apresentado ao Curso Superior de Licenciatura em Letras Português e Inglês, dos Departamentos Acadêmicos de Comunicação e Expressão e Línguas Estrangeiras Modernas, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado.

Orientador: Prof^a. Dra. Rossana Aparecida Finau

CURITIBA
2014

TERMO DE APROVAÇÃO

ISMAIR IGNÁCIO JUNIOR

ANÁLISE DE MUDANÇAS MORFOFONOLÓGICAS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM COMPARAÇÃO À PRODUÇÃO EM LÍNGUA DE SINAIS FRANCESA

Este trabalho de conclusão de curso foi apresentado no dia 28 de fevereiro de 2014, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Português e Inglês, outorgado pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O aluno foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a. Dra. Maria de Lourdes Rossi Remenche
Coordenador de Curso

Prof^a. Dra. Andréia Rutiquewiski Gomes
Responsável pela Atividade de Trabalho de Conclusão de Curso
Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edson Domingos Fagundes
UTFPR

Prof^a. Ms. Lídia da Silva
UTFPR

Prof^a. Dra. Rossana Aparecida Finau
Orientador - UTFPR

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”

Dedico este trabalho à minha família, amigos e professores, os quais me deram o apoio necessário para persistir e seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Meus reais agradecimentos à minha orientadora e aos demais professores que contribuíram, incentivaram e torceram pela concretização desta pesquisa.

E, aos meus colegas de curso, que compartilharam comigo seus conhecimentos, meu muito obrigado!

RESUMO

IGNÁCIO JUNIOR, Ismair. ANÁLISE DE MUDANÇAS MORFOFONOLÓGICAS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM COMPARAÇÃO À PRODUÇÃO EM LÍNGUA DE SINAIS FRANCESA. 2014. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Superior de Licenciatura em Letras Português e Inglês), Departamentos Acadêmicos de Comunicação e Expressão e Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

A partir do estudo histórico da língua brasileira de sinais (Libras), em comparação com a língua de sinais francesa (LSF), este trabalho tem como objetivo investigar três dicionários selecionados para a análise de vinte sinais. Desse modo, para fundamentação, são utilizados os pressupostos teóricos e metodológicos em pesquisa de variação linguística, tais como Tarallo (1986) e Lucchesi (2004). O levantamento bibliográfico dos estudos linguísticos nas línguas humanas contribuiu para a reflexão dos mesmos tipos de processos de mudança que operam tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais, confirmando, assim, o seu caráter natural. A discussão dos dados coletados levou em conta três principais parâmetros considerados por Stokoe (1960): ponto de articulação, movimento e configuração de mão, sendo a primeira condição paramétrica a que menos apresentou alteração ao longo do tempo na Libras.

Palavras chave: Fonologia. Morfologia. Língua brasileira de sinais. Língua de sinais francesa. Variação

ABSTRACT

IGNÁCIO JUNIOR, Ismair. Phonological and morphological changes analysis of BSL signs in comparison to FSL. 2014. 55p. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Superior de Licenciatura em Letras Português e Inglês), Departamentos Acadêmicos de Comunicação e Expressão e Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

Through the historical study of the Brazilian Sign Language (Libras), compared with the French Sign Language, the purpose of this paper is to investigate three dictionaries selected for the analysis of twenty signs. Thus, it will be used as theoretical and methodological assumptions on linguistic variation Tarallo (1986) and Lucchesi (2004). The literature review of linguistic studies on human languages contributed for the reflection of the same types of change processes that operate both in oral languages and sign languages, confirming its natural status. The discussion of the collected data took into account three main parameters considered by Stokoe (1960): point of articulation, movement and handshape, being the first parametric condition had less change over time in Libras.

Keywords: Phonology. Morphology. Brazilian sign language. French Sign Language. Variation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Variação histórica: SINAIS DE AZUL	22
Figura 2: Variação regional: SINAIS DE VERDE	23
Figura 3: Variação regional: SINAIS DE MAS	24
Figura 4: Variação social: SINAIS DE AJUDAR	24
Figura 5: Variação social: SINAIS DE AVIÃO	25
Figura 6: Variação social: SINAIS DE OBRIGADO	26
Figura 7: 1 PERGUNTAR 2 (Eu pergunto para você) (Você pergunta para mim)	Figura 8: 2 PERGUNTAR 1 29
Figura 9: SINAL DE TELEFONAR Figura 10: SINAL DE TELEFONE	30
Figura 11: Página virtual do Dicionário Sematos.....	33
Figura 12: O sinal BEBER em Oates (1969).....	34
Figura 13: Uma página do dicionário de Oates (1969).....	35
Figura 14: Página virtual do Dicionário Acesso Brasil	36
Figura 15: SINAIS DE PROFESSOR	38
Figura 16: SINAIS DE FAMÍLIA.....	39
Figura 17: SINAIS DE CADEIRA.....	40
Figura 18: SINAIS DE BRINCAR	40
Figura 19: SINAIS DE BICICLETA	41
Figura 20: SINAIS DE PROCURAR	42
Figura 21: SINAIS DE FAZER.....	42
Figura 22: SINAIS DE TRABALHAR	43
Figura 23: SINAIS DE CIDADE	43
Figura 24: SINAIS DE APRENDER.....	44
Figura 25: SINAIS DE ÁGUA	44
Figura 26: SINAIS DE ESTUDAR	45
Figura 27: SINAIS DE HOMEM.....	45

Figura 28: SINAIS DE MENINO	46
Figura 29: SINAIS DE CACHORRO	47
Figura 30: SINAIS DE CONHECER	47
Figura 31: SINAIS DE BANHEIRO	48
Figura 32: SINAIS DE FÉRIAS	48
Figura 32: SINAIS DE PODER	49
Figura 33: SINAIS DE TER	49

LISTA DE TABELAS

Quadro 1: Alfabeto Manual da Libras, LSF e ASL	17
Quadro 2: Dactilologia de Gama (1875)	18
Quadro 3: As três categorias dos sinais	50

LISTA DE SIGLAS

ASL	Língua de Sinais Americana
CM	Configuração de mão
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
L	Locação
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LSF	Língua de Sinais Francesa
LSUK	Língua de Sinais Urubu-Kaapor
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
M	Movimento
O	Orientação
PA	Ponto de Articulação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	13
UMA HISTÓRIA PARA DUAS LÍNGUAS: LSF e LIBRAS	13
1.1 LÍNGUA DE SINAIS FRANCESA.....	13
1.2 UM POUCO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	16
1.3 BILINGUISMO.....	18
CAPÍTULO 2	20
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	20
2.1 FONOLOGIA.....	26
2.2 MORFOLOGIA	28
CAPÍTULO 3	33
METODOLOGIA	33
CAPÍTULO 4	38
ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	52

INTRODUÇÃO

Os estudos relacionados à surdez têm ganhado bastante notoriedade nas últimas décadas, graças às rigorosas investigações realizadas por profissionais envolvidos na área da linguagem. Nesse contexto, esta pesquisa justifica-se pela importância do resgate da história da língua de sinais e pela carência de evidências empíricas e teóricas na morfofonologia. Dessa maneira, busco contribuir na investigação de assuntos relacionados à estrutura das línguas de sinais, sobretudo aos fenômenos de variação e mudança linguística.

Neste trabalho, é pesquisada a relação histórica entre a língua de sinais francesa (LSF) e a língua brasileira de sinais (Libras) com a finalidade de verificar se há diferenças/mudanças nos parâmetros formadores dos sinais. Para tanto, lanço mão dos pressupostos teóricos e metodológicos de pesquisas de variação linguística para descrição e análise do *corpus* composto de vinte sinais, os quais foram comparados em três materiais: para visualizar os sinais da LSF, o dicionário *online Sematos*, e para os sinais da Libras; o dicionário *Linguagem das Mãos*, de 1969 e o dicionário digital *Acesso Brasil*.

Vale ressaltar que os estudos da linguagem e surdez são um campo novo de investigação da linguística, cujo início se deu na década de 60, com os trabalhos do linguista norte-americano William Stokoe sobre a ASL, e de lá pra cá têm se tornado um ativo e diversificado objeto teórico. Nas línguas orais, as quais possuem a modalidade oral-auditiva, os sons articulados são percebidos pelos ouvidos. Já nas línguas de sinais, em virtude de sua modalidade espaço-visual, utilizam-se as mãos, pontos no espaço, expressões faciais e corporais no intuito de produzir os sinais linguísticos que, por sua vez, são percebidos pelos olhos. Logo, entende-se por sinais aquilo que é chamado palavra ou item lexical nas línguas faladas.

As línguas de sinais são sistemas linguísticos naturais desenvolvidos e utilizados em todas as partes do mundo onde há pessoas surdas. Embora diferentes umas das outras, essas línguas, que foram expostas a diversificados tipos de comunidades e instituições, compartilham um significativo número de estruturas comuns.

De um modo geral, os traços atribuídos às línguas naturais, segundo abordagem de Quadros e Karnopp (2004), são: flexibilidade, versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade, produtividade, dupla articulação, padrão de organização dos elementos, e dependência estrutural. Exemplo disso são as análises realizadas por Battison (1975), demonstrando que a estrutura da língua de sinais americana (ASL – *American Sign Language*)

é semelhante à das línguas faladas, e que sua fonologia e sintaxe estão sujeitas aos mesmos tipos de processo que operam nas línguas faladas/orais.

Nessa perspectiva, Ferreira (2010) afirma que as línguas de sinais são resultado de uma inteligência coletiva, contendo toda a complexidade do sistema linguístico que serve como comunicação e como suporte à organização do pensamento humano. Para a autora, apesar das proibições e dos preconceitos de que têm sido alvo, as línguas de sinais resistiram heroicamente através dos tempos, comprovando a fortaleza de um sistema consistente.

Para atender os objetivos desta pesquisa, este trabalho é dividido em quatro capítulos. O primeiro inicia-se com um relato histórico sobre a educação de surdos na França e no Brasil, bem como as principais considerações de pesquisas linguísticas nas línguas de sinais. O segundo segue com uma revisão de literatura dos estudos em torno da variação linguística, tais como variações regionais, sociais e aquelas relacionadas a mudanças históricas. Nesse, também são contempladas as características básicas da fonologia e da morfologia nas línguas de sinais. No terceiro capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para a coleta de dados. Na sequência, capítulo 4, é feita a análise comparativa, a discussão dos resultados e, por fim, as considerações conclusivas.

CAPÍTULO 1

UMA HISTÓRIA PARA DUAS LÍNGUAS: LSF e LIBRAS

1.1 LÍNGUA DE SINAIS FRANCESA

No curso da história, a existência de comunidades surdas sinalizadoras é atestada em várias fontes, tais como Saint-Augustin (2002) e Montaigne (2009). No entanto, as línguas de sinais ainda têm sido praticamente negligenciadas como tal, até muito recentemente. Embora a ideia da educabilidade para os surdos tenha surgido no Renascimento, as línguas de sinais adquiriram visibilidade real somente com o empreendimento educacional iniciado em 1760, na França, pelo abade Charles-Michel de L'Épée (1712-1789). Introduzindo o princípio revolucionário de educação em massa com base no "mimetismo", L'Épée deu uma existência social ao surdo e à sua língua, trabalho que se propagou por um século.

A "gestualidade", para Saint-Loup (1989), era reconhecida como uma forma própria de comunicação, que deveria ser estimulada pelos bons resultados que trazia ao desenvolvimento social e acadêmico dos surdos. Segundo esse autor, o método francês dominou a Europa e se estendeu ao continente americano, atingindo até mesmo os marginalizados socialmente. Tendo em vista que a maioria das crianças surdas é oriunda de famílias ouvintes, o acesso à escola desempenhou papel fundamental na formação da cultura surda francesa.

Ao educar seus estudantes com sinais, L'Épée favoreceu o reconhecimento de que, se a língua pode manifestar-se como um meio de relação entre significado e som, ela também poderia manifestar-se entre significado e sinais. Esta ideia fundamental foi um divisor de águas na educação de surdos.

Para o pesquisador, embora o abade reconhecesse que os surdos franceses já tinham uma linguagem, ele erroneamente considerou uma "falha" em relação à estrutura gramatical da LSF. O francês que ele ensinava aos seus discípulos foi apresentado de acordo com os princípios da gramática latina e ele se considerava à altura do desafio. Sua solução foi o uso de "sinais metódicos", um sistema manual que ele desenvolveu para espelhar a gramática da língua francesa.

Saint-Loup (1989) ainda afirma que o religioso criou sinais para artigos, preposições, verbos auxiliares, tempos verbais, marcadores de gênero, e outras partes do discurso e terminações gramaticais que não eram contempladas na língua manual usado por homens e mulheres franceses surdos. Por exemplo, a forma masculina do artigo indefinido, *un*, foi

representada pelo mesmo sinal que designava chapéu de um homem, enquanto a forma feminina, *une*, foi expressa pelo sinal para de um chapéu de mulher. A mão levantada e arremessada uma vez para atrás do ombro indicava o passado simples, enquanto que o mesmo movimento repetido duas vezes ficou para o presente perfeito, e três vezes, o mais-que-perfeito. Alguns sinais de L'Épée vieram diretamente de seus alunos, mas outros ele compôs a partir do que ele considerava ser seus componentes conceituais. Essa versão codificada manualmente do francês, portanto, foi nada menos do que uma tentativa de colonização da linguagem dos surdos franceses. Sinais metódicos habilitavam alunos a transcrever sinais manuais em francês escrito e vice-versa, embora sem compreender o significado do que eles escreviam ou sinalizavam.

Nas pesquisas de Saint-Loup (1989), em algum momento entre 1759 e 1771, o abade de L'Épée fundou a primeira escola pública para crianças surdas em Paris e, ao fazer isso, deu início a uma nova era da educação. Pela primeira vez, as crianças das classes mais humildes foram reunidas em um ambiente público, e reconhecidas e fortalecidas como um grupo social. Chefes de estado, realeza, intelectuais e observadores curiosos de todas as esferas da sociedade se reuniram na escola de Paris para testemunhar manifestações públicas em que os alunos apresentavam suas habilidades. Assim, o abade e seus alunos ganharam o apoio à causa de sua educação, convencendo o público simpático que, de fato, as crianças surdas poderiam ser instruídas formalmente, mesmo sendo diferentes dos ouvintes.

As últimas décadas do século XVIII testemunharam a ascensão de outro educador surdo proeminente, o prussiano Samuel Heinicke, o qual estava convencido de que o discurso era necessário para o pensamento claro, e seus esforços de ensino, portanto, girava em torno da linguagem oral. Enquanto as escolas 'gestualistas' instruíram seus alunos com um sistema de sinais de comunicação concebida para responder às suas necessidades específicas, o objetivo da escola oralista era para suprimir a língua de sinais dos alunos e instruí-los na língua falada.

No início de 1780, Heinicke e L'Épée envolveram-se em um debate epistolar sobre os seus respectivos métodos. A controvérsia sobre os métodos de ensino e, finalmente, sobre os objetivos da educação de surdos viria a ser a questão mais importante que ainda prevalece nos princípios e práticas pedagógicas até a contemporaneidade (SAINT-LOUP, 1989).

Em suma, a posição gestualista tomada por L'Épée, que educou os surdos por meio de sinais, tornou-se conhecida como o método francês. Já o método da oralidade, o qual seria negar às pessoas surdas o acesso aos sinais, priorizando o ensino da fala, tornou-se conhecido como o método alemão.

Segundo Lane e Philip (1984), Pierre Desloges foi a primeira pessoa surda a publicar um livro com o objetivo de defender a tese de que a língua de sinais dos surdos era o veículo próprio para a sua instrução. Em sua obra *Observations d'un sourd et muet*, ele comenta que poucas pessoas têm uma noção da capacidades que os surdos têm em se comunicar com os outros em língua de sinais.

Desloges, de acordo com Lane e Philip (1984), salientou que L'Epée não tinha inventado a língua de sinais. Ele também argumentou que havia diferenças entre os sinais naturais, que facilmente surgiram na sociedade surda, e os sinais metódicos de L'Epée, o qual tentou fundir com a língua francesa, conforme às convenções dessa língua falada. Ao longo de seu livro, porém, Desloges não escondeu sua grande admiração pelo educador francês, já que era um método contra a pedagogia da língua falada para as pessoas não-ouvintes.

De fato, as observações de Pierre Desloges são extremamente importantes para a história da comunidade surda francesa. Desloges ressaltou que essa cultura emergiria onde pessoas surdas reunidas interagissem socialmente. Além disso, embora ele apoiasse fortemente a educação para os surdos, ele não considerava a instituição educacional como um pré-requisito para a formação de uma cultura.

Contudo, essa primeira fase de reconhecimento foi seguida por um novo período de negação, começando com a proibição de línguas de sinais no Congresso de Milão¹, em 1880, e indo até o “despertar surdo” em 1960-1980. Muitos alunos foram proibidos de usar sua língua potencial e obrigados a aprender a falar, independentemente de suas possibilidades para alcançar êxito nessa tarefa.

Neste item, foi fornecido um relato histórico da LSF para situar o leitor quanto ao seu desenvolvimento. No próximo, 1.2, será também resgatado o valor histórico da Libras para a comunidade surda do Brasil.

¹O objetivo do Congresso era discutir a qualidade da Educação de Surdos e a escolha do método mais adequado no ensino. Foi votado o método oral, considerado superior ao método de sinais.

1.2 UM POUCO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Em nosso país, a Libras, usada pela maioria dos surdos nos centros urbanos, teve grande influência da língua de sinais francesa, isso por conta da chegada do professor surdo francês, Edward Huet, na metade do século XIX ao Brasil.

De certa forma, Huet contribuiu para que o trabalho da língua de sinais com os surdos brasileiros começasse a ser pensado a partir das novas metodologias educacionais já experienciadas no *Instituto de Surdos-Mudos de Paris* e, assim, ganhando força em instituições voltadas para a educação dos surdos, tal como o *Imperial Instituto dos Surdos-Mudos*², no Rio de Janeiro, fundado em 1857 (ALBRES, 2005). A língua de sinais utilizada nessa escola era a francesa. O professor E. Huet trouxe o alfabeto manual e alguns sinais, que foram se desenvolvendo e sofrendo algumas modificações, até chegar à Língua de Sinais Brasileira³ (CAMPELLO, 2007).

Segundo Quadros (1999), estudos sobre a Libras foram iniciados no Brasil no começo da década de 1980. Posteriormente, as pesquisas começaram a explorar diferentes abordagens da estrutura da língua. Vale mencionar alguns exemplos, tais como Capovilla (2004) sobre o viés da psicolinguística; Quadros (1995, 1997) que apresenta a estrutura sintática da língua brasileira de sinais; Fernandes (2006) discutindo a educação bilíngue para surdos; Finau (2004) com estudos sobre as marcas linguísticas para as categorias tempo e aspecto na Libras; bem como Silva (2010) investigando o processo de aquisição da categoria aspectual.

Conforme exposto, tais pesquisas associadas às lutas políticas dirigidas pela Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo⁴ (FENEIS) e pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) contribuíram para o reconhecimento da língua brasileira de sinais como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil, pela Lei N° 10.436 de 24 de abril de 2002. A partir de então, a Libras tornou-se disciplina obrigatória nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério.

² Hoje atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), na capital do Rio de Janeiro.

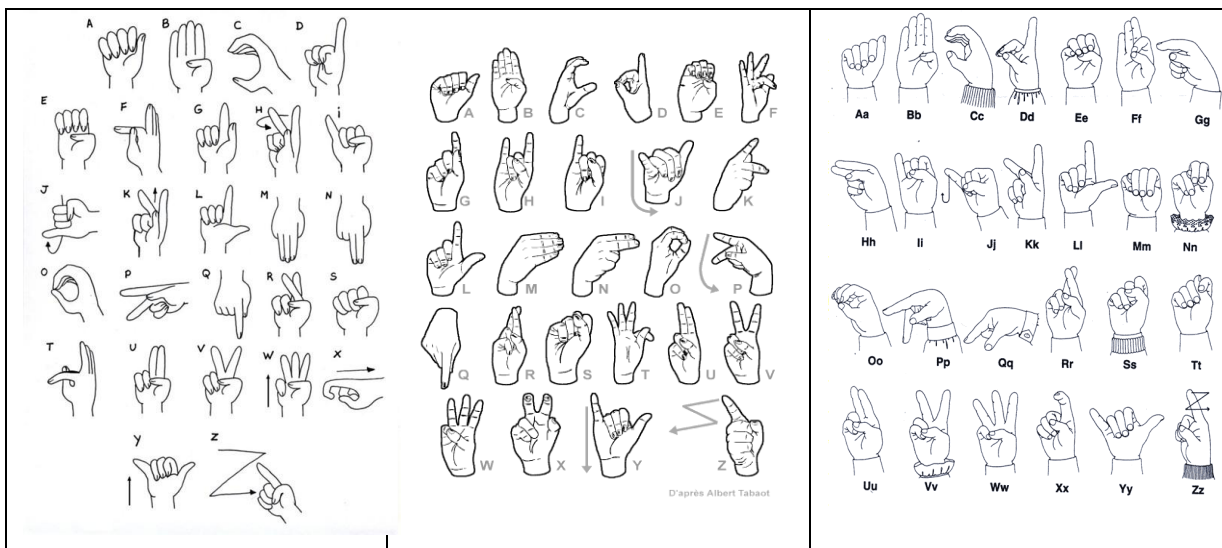
³ Geralmente, cada país tem sua própria língua de sinal e há casos em que há mais de uma. O oeste do Panamá, por exemplo, sinaliza de forma diferente do leste. No Nepal, além da língua de sinais nepalesa, existem outras três sinalizadas no interior do país. No Brasil, também se verifica a ocorrência de mais de uma língua de sinais utilizada por surdos: a Libras, adotada pela grande maioria dos surdos no país, e a língua de sinais dos índios Urubu-Kaapor (LSUK ou LSKB) no Estado do Maranhão, língua cujo funcionamento foi estudado pela linguista Ferreira-Brito no início da década de 90.

⁴ A FENEIS é uma entidade não governamental, filiada a World Federation of the Deaf. Ela possui sua matriz no Rio de Janeiro e filiais espalhadas por diversos estados brasileiros. Informações adicionais em: <http://www.feneis.com.br>

Prova de outro atrelamento histórico entre as línguas de sinais são os estudos realizados por Baker e Padden (1978), evidenciando a aparição de sinais cognatos na ASL. Nessa pesquisa, constatou-se que quase 60% dos sinais encontrados na ASL pareciam estar historicamente relacionados com a LSF. Além disso, a porcentagem restante também apresentava características e/ou empréstimos tanto da língua oral inglesa⁵, quanto de outras línguas de sinais encontradas até mesmo antes do contato com a LSF em 1817.

De acordo com Albres (2005), a maior parte das línguas de sinais nasceu do contato entre duas ou mais línguas num processo de *pidgin* seguido de crioulização. Há de se considerar que muitas delas receberam empréstimos, por exemplo, das letras do alfabeto das línguas orais próprias de seu país.

A fim de visualizar melhor a relação histórica entre as línguas de sinais citadas, vejamos o exemplo do conjunto de configurações de mão que representam manualmente, porém não diretamente, as letras do alfabeto das línguas orais. No quadro, a seguir, está o alfabeto soletrado (soletração manual) da Libras, LSF e ASL, respectivamente:

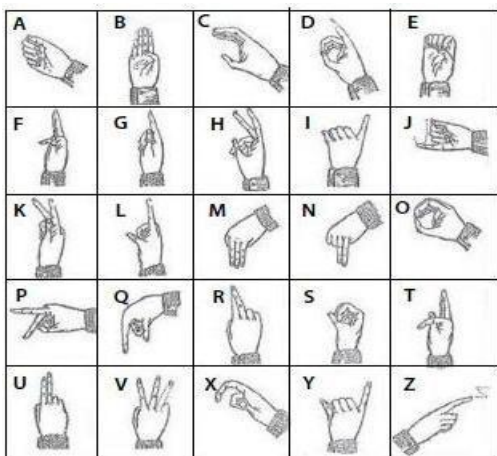


Quadro 1: Alfabeto Manual da Libras, LSF e ASL.

Como podemos observar na seleção de dedos utilizada para executar a datilologia, nota-se a semelhança entre várias delas. As cinco primeiras, por exemplo, apresentam o mesmo número e posição de dedos selecionados. Isso igualmente ocorre nas letras I, K, L, O, P, R, S, U, V, W, Y e Z. Ou seja, de um modo geral, das 26 letras que compõem o alfabeto manual, 17 são comuns nas três línguas de sinais em questão. As nove demais apresentam apenas pequenas mudanças em alguns dos traços paramétricos.

⁵ Para pesquisa complementar sobre a influência da LSF na ASL: Battison (1978).

É interessante mencionar o livro *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*⁶, cujo material foi produzido por Flausino José da Gama em 1875. Trata-se do primeiro documento a fazer algum tipo de descrição à língua de sinais do Brasil. No quadro 4, abaixo, é apresentado o alfabeto manual que encontramos na obra. Ao examiná-la, percebemos que há muita similitude entre as configurações de mão do alfabeto manual da LSF. Nessa perspectiva, Campello (2008) corrobora argumentando que a inspiração para o trabalho de Gama veio de um outro documento intitulado *Iconographie des signes*, o qual foi publicado pelo professor do Instituto de Paris, Pélissier, em 1856 na França.



Quadro 2: Dactilologia de Gama (1975)

Nesse contexto, Greenberg (1957) fornece quatro casos de semelhanças lexicais entre as línguas, apenas dois deles sendo relacionados historicamente: relações genéticas e empréstimo. Os outros dois casos são o simbolismo compartilhado – nos quais os vocabulários compartilham motivações similares, icônicas ou indicadoras - e, finalmente, o acaso.

A partir da revisão de literatura para a elaboração deste trabalho, foi encontrada a investigação da pesquisadora surda Diniz (2011) que, em seu mestrado, traçou três categorias por meio de um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais na Libras. Esses conjuntos, por sua vez, serão melhor discutidos no último capítulo, pois servirão como base para a análise dos dados desta pesquisa.

No próximo item, 1.3, tratar-se-á alguns pontos mais pertinentes sobre o bilinguismo para surdos, baseando-se nas pesquisas de Skliar (1998) e Fernandes (2006).

1.3 BILINGUISMO

⁶ A edição original encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Nas atuais propostas pedagógicas voltadas para o bilinguismo, o objetivo é consolidar uma situação em que a língua de sinais (L1) seja mediadora no acesso às atividades escolares e o português escrito seja aprendido como uma segunda língua (L2). A aquisição natural de uma língua leva os surdos a desenvolverem habilidades linguísticas, cognitivas e comunicativas.

Harmers e Blanc (2000:189) descrevem educação bilíngue como “qualquer sistema de educação escolar no qual, em dado momento e período, simultânea ou consecutivamente, a instrução é planejada e ministrada em pelo menos duas línguas”. Considerando a definição proposta pelos autores, Fernandes (2006) argumenta que as crianças surdas deveriam aprender primeiro a língua de sinais no ambiente familiar, viabilizando a apropriação da linguagem e a capacidade de simbolização até os 3 anos. Tendo essa base linguística consolidada, processar-se-ia o ensino de português escrito, na escola, aprendido por meio de metodologias voltadas ao ensino de segundas línguas. Esse aprendizado, conforme a pesquisadora, deveria se iniciar já na educação infantil.

Lamentavelmente, os obstáculos políticos e educacionais para a aceitação social de um ensino bilíngue colocam-se de maneira surpreendentemente ostensiva. Muitas crianças surdas chegam à escola e enfrentam inúmeros problemas em seu processo de alfabetização/letramento, tendo em vista que seu aprendizado da L2 – o português na modalidade escrita – ocorre sem que a maioria dos surdos tenha tido acesso à linguagem por meio da aquisição da L1.

Logo, consoante Fernandes (2006), para a criança que nasceu surda, o acesso à língua de sinais é um subsídio linguístico fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial. Essa reflexão da autora considera também os aspectos da identidade e cultura surda, que assim como a aprendizagem e a cognição estão ligadas ao fator linguístico.

O bilinguismo, no caso das pessoas surdas, só é possível associado, portanto, ao biculturalismo, isto é, à identificação e à convivência, de fato, “com os grupos linguísticos que usam a língua de sinais e a língua na modalidade escrita” (SKLIAR, 1998, p. 58).

Neste primeiro capítulo, procurou-se traçar um panorama histórico da LSF e da Libras, bem como levantar as principais discussões sobre o ensino bilíngue para surdos. No capítulo seguinte, é apresentada a orientação teórica que subsidia esta pesquisa, a variacionista, com base na qual são exploradas as concepções das variações regionais, sociais e aquelas relacionadas a mudanças históricas, assim como exemplos de cada uma delas. Além disso, são contempladas as características básicas da fonologia e da morfologia nas línguas de sinais, a partir da revisão de literatura sobre o tema em questão.

CAPÍTULO 2

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A língua como atividade social corresponde a um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado. “É um fenômeno funcionalmente heterogêneo, representável por meio de regras variáveis socialmente motivadas” (CASTILHO, 2000, p. 12).

A partir dessa concepção, entende-se que a língua não se constitui enquanto fenômeno social imóvel, alheio ao homem, ao tempo e ao espaço. Pelo contrário: Castilho (2000) argumenta que ela é uma propriedade (posta em execução através da linguagem) plena de dinamismo, constituinte do sujeito que a utiliza independentemente da situação de comunicação. Nessa perspectiva, serão abordados aspectos acerca desse universo linguístico em potencial: o uso da língua, acompanhado de sua mudança e variação.

Labov (2008) colaborou com os estudos linguísticos ao considerar a língua em uso dentro da comunidade de fala. O pesquisador destaca que a língua é uma forma de comportamento social ao mencionar que “crianças mantidas em isolamento não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros” (p. 214).

Nesse sentido, a Sociolinguística, subárea da Linguística, está voltada para a comunidade de fala, ou seja, está preocupada com a correlação existente entre aspectos linguísticos e sociais, o que constituiria a origem da variação linguística. Desse modo, cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, bem como diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático (TARALLO, 1986).

Os diversificados modos de falar de uma comunidade constituem, em essência, a variação linguística. O repertório verbal é o somatório (em número indefinido ou imensurável) de variações ou mudanças linguísticas que se apresentam em uma comunidade de falantes de uma língua. Referindo-se à relação existente entre língua e variação, Alkmim (2001, p.33) mostra que

Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Nesse sentido, qualquer tentativa de buscar apreender apenas o invariável, o sistema subjacente - se valer de opiniões como “língua e

fala”, ou competência e desempenho - significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico. O aspecto formal e estruturado do fenômeno linguístico é apenas parte do fenômeno total.

O estudo da mudança diacrônica revela a importância do desenvolvimento social e histórico da língua, bem como do desenvolvimento propriamente linguístico da língua. Neste desenvolvimento, podemos então observar, de acordo com o pesquisador Faraco (2005), dois tipos de fatores em operação na mudança linguística: fatores externos e fatores internos. Para análise dos fatores externos, investiga-se a evolução da língua ao longo do tempo em suas funções e contextos sociais, bem como nas relações com a comunidade. Para análise dos fatores internos, investiga-se a evolução da língua que ocorre devido à operação de determinados processos gramaticais na fonologia, morfologia, sintaxe e no léxico.

Numa perspectiva diacrônica, os estudos mostram que a língua se transforma de várias maneiras, duas das quais serão foco de análise neste trabalho: unidades que existiam antes não ocorrem mais ou progressivamente deixam de ocorrer, ou ainda ocorrem com alguma modificação em sua forma e função. Conforme Faraco (2005), essa mudança pode ser percebida pelo contraste entre manifestações linguísticas afastadas entre si no tempo e pode ser investigada por meio do levantamento de dados de diferentes períodos da história da língua, em busca das explicações sobre o processo da mudança no eixo do tempo.

Tarallo (1986) argumenta que a mudança linguística e a variação constituem aspectos fundamentais da ciência que se convencionou nomear por Sociolinguística. Na mescla entre língua, contrastes e “fugas” do padrão convencional de comunicação que pontua a sociedade, a Sociolinguística desperta interesses por coordenar tais fatores, inserindo-os harmonicamente no âmbito da interação humana.

Segundo Lucchesi (2004), a razão principal para olhar a mudança como processo lento e gradual centra-se nos próprios estudos de mudança, que traçam uma evolução temporal de competição entre formas conservadoras e inovadoras. O mesmo autor cita outra razão importante que é o fato de a mudança linguística não ser um evento histórico com data marcada, já que acontece de modo temporalmente difuso.

No campo de investigação das línguas de sinais, alguns estudos pioneiros sobre a variação linguística contribuíram fundamentalmente para esta pesquisa (Battison, 1975; Frishberg, 1975). Frishberg, por exemplo, abordou o processo de mudança histórica na ASL e analisou as restrições que operam diacronicamente na formação de sinais, identificando algumas tendências principais de mudança: a) a simetria em sinais que envolvem duas mãos, b) o deslocamento dos sinais no espaço da sinalização, c) a passagem do conteúdo lexical do

corpo para as mãos, d) a transformação de sinais múltiplos em sinais unitários, e e) a preservação morfológica de sinais. Para a linguista, a mudança fonológica nas línguas de sinais ocorre quando, em decorrência de algum processo fonológico, observam-se alterações em algum dos parâmetros constitutivos do sinal, como as configurações de mãos, a locação, o movimento e a orientação da palma.

Conforme discute Frishberg (1975), a mudança histórica favorece um aumento da arbitrariedade dos sinais e uma perda de sua iconicidade. O exemplo que a autora traz se refere ao sinal FEEL, da ASL, que sofreu o deslocamento da locação, da lateral do peito, na altura do coração, para o centro do peito. O sinal FEEL, originalmente produzido no coração, pelo fato de nossa cultura enxergar o coração como um local originário de emoções, perde essa iconicidade do ponto de articulação a partir do momento em que passa a ser realizado no centro do peito.

Outro exemplo de mudança histórica, na Libras, é o sinal AZUL (Figura 1). A primeira variante é formada através da datilologia A-Z-U-L. Na segunda, o sinal é feito a partir do uso da letra inicial e final da datilologia A-L. Já a terceira variante, a configuração está associada ao movimento de abertura e fechamento da mão, tornando o sinal bem mais curto. A partir desse exemplo, percebem-se as mudanças pela qual a língua tem passado ao longo do tempo.



Fonte: FERNANDES, S. *et al.* *Aspectos linguísticos da LIBRAS*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Figura 1: Variação histórica: SINAIS DE AZUL

Além da variação histórica, Strobel & Fernandes (1998) também consideram as variações regionais e sociais como fenômenos identificáveis nas línguas de sinais, confirmando, mais uma vez, o caráter natural das línguas humanas. Para as pesquisadoras, a variação regional ou diatópica refere-se às variações de sinais que acontecem em diferentes espaços geográficos de uma dada localidade; já a social representa as variações na configuração de mão e/ou movimento, sem alterar o sentido do sinal.

A seguir, alguns exemplos de variação regional encontrados na Libras.

Conforme a Figura 2, em São Paulo e em Curitiba as variantes do sinal VERDE são realizadas com apenas uma mão, mas com configurações de mão, ponto de articulação, direção e movimento diferentes. Já na do Rio de Janeiro, tem-se uma mão de apoio que é passiva e uma mão ativa, a qual apresenta configuração de mão com a letra “V” e o movimento associado de vai e vem como se fosse riscando para colorir algo (outras cores também apresentam esta mesma característica).



Fonte: FERNANDES, S. *et al.* *Aspectos linguísticos da LIBRAS*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Figura 2: Variação regional: SINAIS DE VERDE

O mesmo ocorre com o conectivo MAS, Figura 3, em que as variantes encontradas em Curitiba e São Paulo podem ser realizadas com duas mãos, entretanto com configurações de mão distintas. Já no Rio de Janeiro, a variante é produzida apenas com uma mão e com movimento diferente, comparado com as outras duas capitais.



Fonte: FERNANDES, S. *et al. Aspectos linguísticos da LIBRAS*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Figura 3: Variação regional: SINAIS DE MAS

Agora, vejamos alguns exemplos de variação social.

No sinal AJUDAR, Figura 4, embora a configuração da mão passiva seja diferente, a mão ativa permanece a mesma, não havendo, portanto, alteração de sentido no sinal acima.



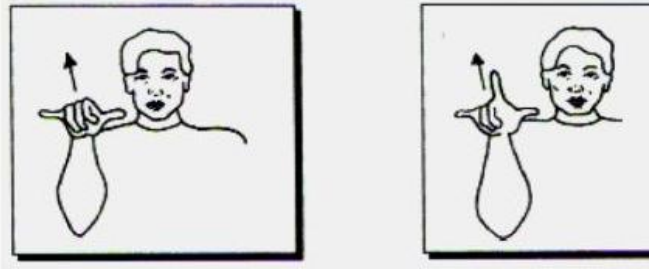
Fonte: FERNANDES, S. *et al. Aspectos linguísticos da LIBRAS*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Figura 4: Variação social: SINAIS DE AJUDAR

As variantes para o termo AVIÃO, Figura 5, são do tipo icônico⁷, ou seja, podemos identificar o objeto a partir da configuração de mão e da disposição espacial.

⁷ A noção da iconicidade também está presente nas pesquisas das línguas orais, que tratam a iconicidade como uma relação de semelhança/similaridade entre a forma (o código linguístico) e seu significado em diferentes níveis da estrutura linguística (fonologia, morfologia e léxico, sintaxe e discurso). Um exemplo seriam as onomatopeias, palavras que imitam a estrutura sonora das coisas do mundo, como o “tique-taque” (i.e. som de um relógio funcionando). (CAPOVILLA, 2004)

AVIÃO



Fonte: FERNANDES, S. *et al. Aspectos linguísticos da LIBRAS*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Figura 5: Variação social: SINAIS DE AVIÃO

A respeito dos sinais com poder de iconicidade, baseando-se em análises abrangentes do discurso e da gramática da LSF, em um contexto interlinguístico, Cuxac (2000) sugeriu que todas as línguas de sinais têm por origem e exploram a capacidade básica que os sinalizantes têm de iconizar sua experiência perceptiva/prática do mundo físico. Um dos efeitos desse processo de iconização é o de dotar as línguas de sinais de uma dimensão semiótica adicional com relação às línguas verbais. As línguas de sinais, diferentemente das línguas orais, oferecem duas maneiras de se produzir significado: pode-se 'dizer e também mostrar', produzindo-se assim marcas de exclusividade na modalidade sinalizada ou, então, pode-se 'dizer sem mostrar', por meio do léxico padrão e da apontação, produzindo-se estruturas mais compatíveis com as encontradas nas línguas verbais.

Nas análises de Frishberg (1975 e 1979), porém, argumenta-se que as línguas de sinais constituem um sistema linguístico que envolve tanto conceitos abstratos quanto signos arbitrários, independentemente de sua iconicidade. Estes pesquisadores demonstram que fatores linguísticos e sociolinguísticos influenciam a transformação de alguns sinais ao longo do tempo, que passam de um alto grau de iconicidade para um grau maior de arbitrariedade no processo da mudança histórica da ASL.

No próximo exemplo de variação social, são usadas as duas mãos na primeira variante do sinal OBRIGADO, conforme Figura 6. Nela, uma mão parte da testa e a outra do peito com orientação para frente. Na outra variante do sinal, utiliza-se somente uma mão, a qual sai da testa com orientação também para frente. Assim, podemos dizer que o emprego das variantes descritas depende do grau de formalidade em que é exigido do usuário da língua.

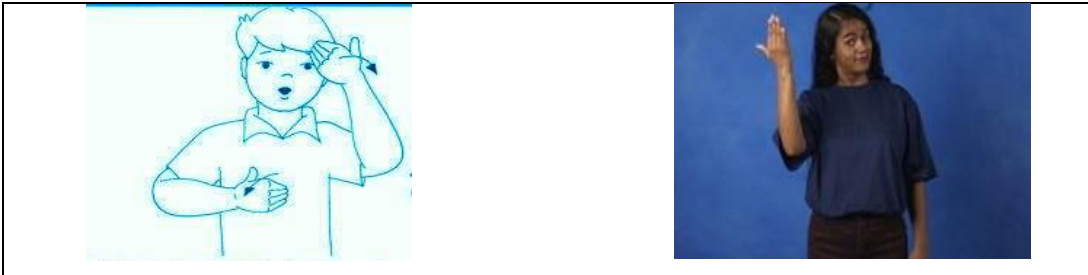


Figura 6: Variação social: SINAIS DE OBRIGADO

Nesta seção, trouxemos como exemplos de variações consideradas por Strobel & Fernandes (1998). Na sequência, passaremos a discutir as características básicas de dois níveis de análise linguística, a fonologia e a morfologia, tal como eles se apresentam nas línguas de sinais.

2.1 FONOLOGIA

Nas línguas orais-auditivas, os fonemas, unidades mínimas de som, são representados graficamente pelas letras. Já nas línguas de sinais, os fonemas equivalem aos quiremas, que constituem os sinais. Essas unidades foram inicialmente analisadas por Stokoe, o qual propôs a decomposição de sinais na ASL em três principais parâmetros, a saber: configuração de mão, ponto de articulação e movimento. Nesse modelo preliminar, todavia, Stokoe ainda não considerava as informações referentes à orientação da mão e às expressões não-manuais, como vimos acima nos estudos de Felipe (2007).

Para melhor entendermos o esquema linguístico estrutural de formação dos sinais, vejamos a explicação de Felipe (2007), a qual esclarece que os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este ser uma parte ou um espaço em frente ao corpo.

a) **configuração de mão (CM)**: forma das mãos durante a realização do sinal. Segundo Ferreira-Brito (1995), a Libras apresenta 46 CMs, que foram descritas a partir de dados coletados nas principais capitais brasileiras, sendo agrupadas verticalmente de acordo com a semelhança entre elas, porém, o conjunto de CMs proposto pela autora não identifica as CMs básicas nem as CMs variantes. A CM pode permanecer a mesma durante a articulação de um sinal, ou pode passar de uma configuração para outra. Quando há mudança na configuração de mão, ocorre movimento interno da mão – essencialmente mudança na configuração dos dedos

selecionados. Quadros e Karnopp (2004) ainda observam a restrição no processo fonológico em que um sinal deve ter no máximo duas configurações de mãos ao ser produzido com uma mão.

b) **ponto de articulação ou locação (PA)**: espaço de enunciação, podendo tocar alguma parte do corpo ou não. De acordo com Stokoe (1960), a locação é um dos três principais parâmetros fonológicos da ASL. Trata-se da área no corpo ou no espaço de articulação definido pelo corpo, em que ou perto da qual o sinal é articulado, sendo esse espaço também responsável por organizações do sistema sintático. Tanto na Libras, quanto em outras línguas de sinais estudadas até o momento, o espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados. Dentro desse espaço de enunciação, pode-se determinar um número limitado de pontos, que são denominados 'pontos de articulação'. As locações são divididas em quatro regiões principais: cabeça, mão, tronco e espaço neutro (Ferreira-Brito e Langevin, 1995).

c) **movimento (M)**: conforme afirmam Quadros e Karnopp (2004), o movimento ocorre quando há objeto e espaço. Nas línguas de sinais, a(s) mão(s) do enunciador representa(m) o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza (o espaço de enunciação) é a área em torno do corpo do enunciador (Ferreira-Brito e Langevin, 1995). O movimento é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma ampla rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço (Klima e Bellugi 1979). Em relação ao tipo de movimento, Ferreira-Brito (1990) menciona que o movimento pode estar nas mãos, pulsos e antebraço. Os movimentos direcionais podem ser unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais. A maneira é a categoria que descreve a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento, podendo ser contínuo, de retenção e refreado. A frequência refere-se ao número de repetições de um movimento (simples e/ou repetido).

d) **orientação (O)**: direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal. Ferreira-Brito (1995, p. 41) enumera seis tipos de orientações da palma da mão na Libras: para cima, para baixo, para o corpo (para dentro), para a frente (para fora), para a direita ou para a esquerda.

e) **expressão facial e/ou corporal**: expressões não-manuais (movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) ocupam duas funções nas línguas de sinais: marcação de construções sintático-discursivas e diferenciação de itens lexicais. Com base em Baker (1983), Ferreira-Brito e Langevin (1995) identificaram as expressões não-manuais da Libras, as quais são encontradas no rosto (parte superior e inferior), na cabeça e no tronco. Deve-se salientar que duas expressões não-manuais podem ocorrer simultaneamente, por exemplo, as marcas de interrogação e negação.

Neste item, foram descritas as características fonológicas relativas ao processo de formação de sinais, evidenciando, portanto, o estatuto linguístico das línguas de sinais. Na sequência, iniciaremos a discussão sobre a morfologia.

2.2 MORFOLOGIA

A partir da década de 1960, quando surgiram as primeiras investigações linguísticas sobre línguas de sinais, Padden e Sandler (2004) notaram que elas possuíam uma morfologia bastante complexa. Posteriormente, as pesquisadoras mostraram que havia dois tipos muito diferentes de estrutura morfológica: sequencial e simultânea.

A morfologia sequencial (ou concatenativa) encontrada em línguas de sinais é um tipo bem familiar nas línguas faladas, no entanto não tem recebido muita atenção em pesquisas sobre o processo de formação de sinais por justamente se tratar de uma construção morfológica de produtividade limitada (PADDEN e SANDLER, 2004). Segundo as estudiosas, normalmente, afixos identificáveis são adicionados ao início ou fim da base de um sinal. Como esses afixos emergem por meio do processo de gramaticalização de itens lexicais livres, eles levam tempo para se desenvolverem na língua. Outra justificativa dada pelas autoras para a baixa ocorrência desse tipo morfológico é que os afixos passam por vários estágios intermediários nesse processo e alguns deles podem co-existir na língua durante certo período, fazendo com que seja difícil identificá-los como tal.

Por outro lado, na estrutura morfológica simultânea, os diferentes morfemas de uma palavra são simultaneamente sobrepostos uns aos outros, em vez de serem mantidos juntos, assim como geralmente ocorre nas línguas faladas. Sandler (2003) argumenta que a morfologia simultânea decorre da capacidade de uma língua produzida no espaço para representar determinados conceitos espaciais e visuais iconicamente.

Como exemplo da morfologia simultânea, podemos citar os verbos com concordância. Diferentemente da concordância verbal nas línguas faladas, os verbos nas línguas de sinais se dividem em quatro grupos: verbos simples, verbos espaciais, verbos manuais⁸ e verbos com concordância. Estes últimos, para Quadros e Karnopp (2004), concordam com os argumentos que têm função sintática de sujeito e objeto e eles se comportam da seguinte forma nas línguas de sinais: os pontos de início e de final dos verbos de concordância estão associados com pontos estabelecidos no espaço para os argumentos do verbo. Em outras palavras, nos verbos de concordância, podemos identificar dois mecanismos morfológicos. Um deles é a trajetória do movimento do verbo, que parte da locação do sujeito e vai em direção à locação do objeto e estão associados aos papéis temáticos 'fonte' e 'alvo'. O outro mecanismo é a orientação da mão, ou seja, a direção para a qual a palma da mão ou a ponta dos dedos estão viradas.

Na figura abaixo, vejamos o exemplo da Libras com o verbo PERGUNTAR, no qual o movimento do verbo sai da locação associada ao argumento sujeito e vai em direção à locação do argumento objeto:



Figura 7: 1 PERGUNTAR 2 (Eu pergunto para você)



Figura 8: 2 PERGUNTAR 1 (Você pergunta para mim)

No que se refere aos processos de formação de palavras, Batista (2011) apresenta duas áreas de investigação da morfologia tradicional: a derivacional e a flexional.

A morfologia flexional trata das relações entre uma palavra e suas diferentes formas ocasionadas pelos fenômenos de flexão gramatical, estabelecendo paradigmas flexionais. Já o processo de derivação se caracteriza pela adição de um afixo (sufixo ou prefixo)⁹ a uma base. Quase sempre a base de uma forma derivada é uma forma livre, mas também pode haver

⁸ “Verbos manuais usam classificadores e incorporam a ação. Exemplos dessa classe de verbos são COLOCAR-BOLO-NO-FORNO, CRUZAR-PERNAS. O sistema de classificadores faz parte do léxico nativo da Libras e esse sistema está extensivamente envolvido no processo morfológico de formação lexical” (QUADROS E KARNOPP, 2004 apud BERNARDINO, 2012, p. 256).

⁹ Há também o infixos, o qual é um afixo localizado dentro da raiz. A existência de infixos no português ainda não foi atestada.

derivações partindo de bases presas, isto é, “formas que não têm autonomia de uso, de modo que não podem ocorrer isoladamente” (BASILIO, 2007, p. 30).

A estrutura morfológica da língua de sinais também apresenta características bem complexas em relação à modificação da raiz, à derivação zero, à adequação icônica e às regras de composição. Em relação aos seus processos de formação de palavra, a Libras, para Felipe (2006), é uma língua flexional, embora tenha também características de língua aglutinante, que podem ser percebidas a partir da formação de sinais pelos processos de composição e incorporação.

Consoante Klima e Bellugi (1979), a língua de sinais e a língua falada partilham muitas propriedades fundamentais, tais como os mecanismos para a construção de novos vocabulários através da composição e derivação morfológica. Os sinais pertencem a categorias lexicais, entretanto, as línguas de sinais se diferem das orais no tipo de processos combinatórios que frequentemente criam palavras morfológicamente complexas, ou seja, processos não-concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de enunciação.

Os afixos, por sua vez, apresentam funções sintático-semânticas definidas. Essas funções não só delimitam os significados possíveis das palavras ou sinais na estrutura derivacional da língua, mas também acarretam na mudança de categoria/classe de palavras. Comparem, por exemplo, o caso do sinal TELEFONAR (verbo) e TELEFONE (substantivo) nas figuras a seguir.



Figura 9: SINAL DE TELEFONAR



Figura 10: SINAL DE TELEFONE

A locação, a configuração e a orientação de mão dos dois sinais acima são as mesmas, porém o movimento é diferente, o do nome se repete (reduplica) em relação ao verbo.

De acordo com Basílio (2007), o processo de composição caracteriza-se pela junção de uma base a outra, criando um composto. Tal processo obedece à necessidade de expressão de combinações mais particularizantes de significado, em que a designação de diferentes objetos é feita pela especificidade do elemento que se combina com a primeira parte da composição.

Exemplo desse processo por justaposição na Libras é o sinal IGREJA, o qual é feito pela junção do sinal CASA + sinal CRUZ.

Frishberg (1975) descreve ainda a preservação morfológica como sendo uma tendência de mudança nas línguas de sinais, em que uma dada CM mais pantomímica tende a ser produzida utilizando uma CM convencionalizada, que corresponde àquela mais próxima da língua de sinal. Os sinais COUSIN, AUNT e UNCLE na ASL, assim como na LSF, são sinalizados no rosto. Essa semelhança pode ser uma tentativa de preservação morfológica, já que a área facial é usada também para os sinais FATHER, MOTHER, GRANDFATHER e GRANDMOTHER. De forma análoga na Libras, podemos exemplificar esse campo semântico com os sinais ENTENDER, PENSAR, COMPREENDER, IMAGINAR, SONHAR e SABER, pois estão relacionados a atividades cognitivas. Desta forma, a locação desempenha papel importante na estrutura morfológica das línguas de sinais e pode exercer os mesmos tipos de pressões como variações na configuração de mão, que corresponde à mudança natural na língua.

Na formação de itens lexicais observam-se também restrições morfológicas. Assim, os processos morfológicos nas línguas humanas apresentam princípios naturais que acessamos quando formamos palavras.

Conforme as palavras de Quadros e Karnopp (2004), “restrições físicas e linguísticas especificam possíveis combinações entre as unidades configuração de mão, movimento, locação e orientação de mão na formação de sinais. Algumas dessas restrições são impostas pelo sistema perceptual (visual) e outras pelo sistema articulatório (fisiologia das mãos)” (p. 78).

Para Battison (1978), restrições fonológicas de boa-formação de sinais podem ser exemplificadas pelas restrições em sinais produzidos pelas duas mãos. De um modo geral, pode-se fazer a seguinte classificação: (a) sinais produzidos com uma mão, (b) sinais produzidos com as duas mãos em que ambas são ativas e (c) sinais de duas mãos em que a dominante é ativa e a não-dominante serve como locação.

Nesse sentido, Sandler explica que

(...) although both hands are involved in the formation of many signs, there is only one primary active articulator in lexical items (the dominant hand), as there is only one primary active articulator in spoken words (the tongue). Normally, within a word, the nondominant hand either ‘copies’ what the dominant hand is doing, or it does not articulate at all, serving as a place of articulation like the head or trunk.¹⁰ (SANDLER, 1993a, p.340)

¹⁰ “Apesar de ambas as mãos estarem envolvidas na formação de muitos sinais, só existe um articulador ativo primário nos itens lexicais (a mão dominante), assim como há apenas um articulador ativo primário nas palavras faladas (a língua). Normalmente, dentro de uma palavra, a mão não-dominante “copia” o

A mão não-dominante pode ser vista essencialmente como subordinada à dominante, independentemente do seu papel, isto é, a inclusão da mão passiva na articulação dos sinais serve para aumentar a gama de informação redundante apresentada para o interlocutor. Portanto, as restrições na formação de sinais, derivadas do sistema de percepção visual e da capacidade de produção manual, restringem a complexidade dos sinais para que eles sejam mais facilmente produzidos e percebidos. O resultado disso, para Quadros e Karnopp (2004), é uma maior previsibilidade na formação de sinais e um sistema com complexidade controlada.

Nesta seção, discorreremos sobre os dois tipos distintos de morfologia. O tipo simultâneo tem se mostrado universal entre as línguas de sinais. Porém, embora o sistema de concordância não seja idêntico entre as línguas de sinais, elas partilham as mesmas características básicas: a classificação dos verbos em quatro grupos e as características morfológicas e fonológicas para cada grupo. Este tipo está relacionado com a cognição visual-espacial e pode ser considerado como uma representação direta de certas funções cognitivas espaciais. Já o tipo sequencial, cuja produtividade é limitada, é uma construção afixal que representa a gramaticalização de uma palavra livre.

No capítulo 3, a atenção é dada para a análise das características dos três dicionários adotados que compõem o corpus da pesquisa. Em seguida, serão apresentados os procedimentos metodológicos usados para a organização e execução dos dados coletados.

que a mão dominante está fazendo, ou ela não faz nenhuma articulação, servindo como um ponto de articulação como a cabeça ou tronco.” (Tradução nossa).

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

Como mencionado na introdução deste trabalho, a importância desta pesquisa está no resgate da história da língua de sinais, já que o acervo sobre esse assunto é precário e os documentos mais antigos, que datam do século XIX, apresentam pouca abordagem com relação aos níveis linguísticos. Assim, materiais que contemplam fenômenos de mudanças linguísticas são escassos, ou seja, esta pesquisa virá a contribuir em futuros trabalhos que se preocupem em investigar assuntos relacionados à estrutura e à variação linguística na língua de sinais, em especial a brasileira.

O primeiro material escolhido para a visualização dos dados foi o dicionário *online Sematos*¹¹, de língua de sinais francesa, pois, partindo da evidência de que a Libras possui um forte vínculo histórico com a LSF, então faz-se necessário analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas, observando a estrutura da Libras ao longo do tempo. A partir disso, a hipótese aqui é de que tenha ocorrido afastamento dos parâmetros que constituem os sinais na Libras em relação à LSF, devido ao processo de mudança nas línguas humanas ser inerente ao sistema linguístico e, também, ao grau de complexidade dos princípios linguísticos que as línguas naturais compartilham.



Figura 11: Página virtual do Dicionário Sematos.

¹¹ Disponível em <<http://www.sematos.eu/lsf.html>>

O segundo dicionário, *Linguagem das Mãos*, datado em 1969, trata-se de um registro histórico produzido pelo padre Eugenio Oates, missionário americano da Congregação Redentorista que trabalhou com surdos em várias regiões brasileiras. Para a elaboração da obra, Oates teve a participação de educadores de surdos com conhecimento da “linguagem gestual”, bem como a consulta por parte de surdos membros de associações. O dicionário foi criado com o objetivo de ajudar os surdos a terem melhor entrosamento na sociedade, na educação e na religião.

Em *Linguagem das Mãos*, nota-se a predominância nas formas das mãos derivadas das letras do alfabeto manual, A, B, C, D, G, L e U, principalmente. Por exemplo, BEBER é realizado com a configuração de mão referente à letra A; HOMEM, à letra C; ENCONTRAR, à letra D; FACA, à letra U entre outras. Assim, assumia-se que somente as configurações de mão da datilologia poderiam servir de base para a formação de sinais, o que não é verdadeiro, pois como já mostrado no capítulo anterior, a formação dos sinais apresenta a mesma complexidade morfológica das línguas orais. Na obra de Oates, a representação dos sinais é feita por meio de fotografias em preto e branco e cada seção é organizada pela ordem alfabética das glosas às quais os sinais são associados, conforme seguem os exemplos abaixo:

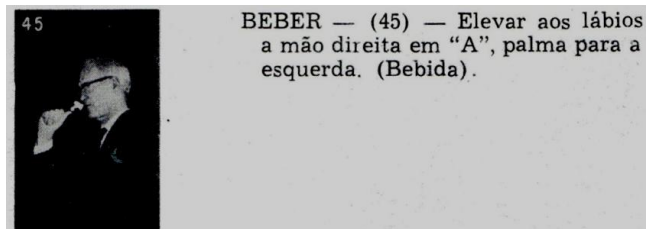


Figura 12: O sinal BEBER em Oates (1969).

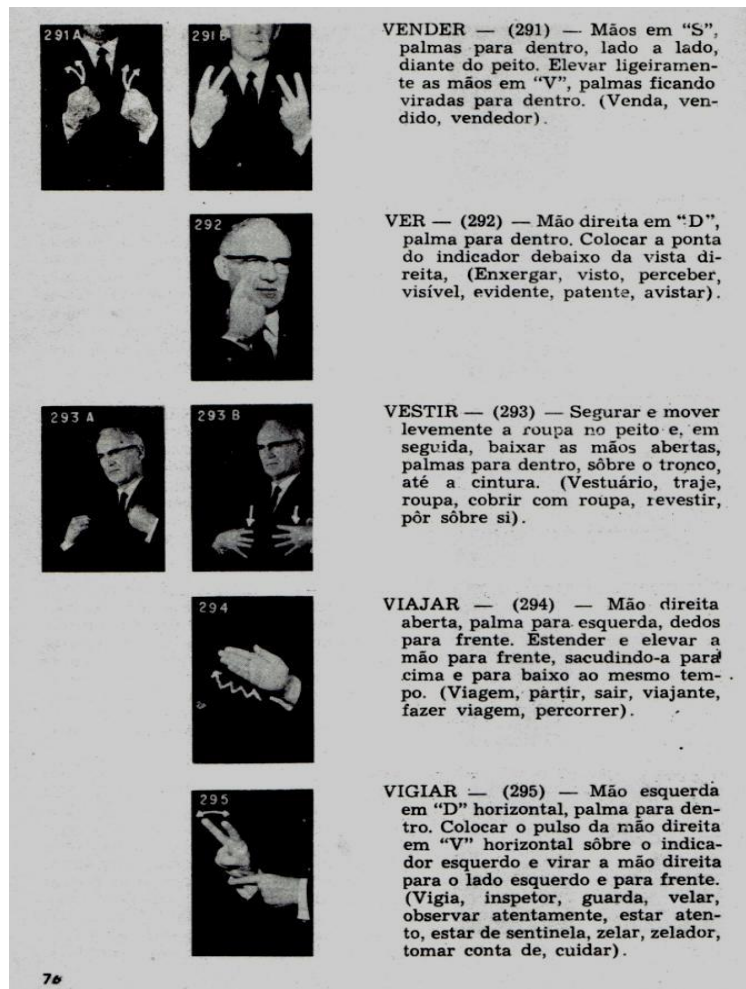


Figura 13: Uma página do dicionário de Oates (1969).

O terceiro material consultado foi um dicionário online da língua brasileira de sinais, *Acesso Brasil*, o qual foi produzido por uma equipe de profissionais surdos e ouvintes, já com um olhar mais linguístico, em uma época em que a Libras passa a ser reconhecida como língua que precisa ser documentada e estudada. O dicionário está disponível on-line¹², além de ser distribuído gratuitamente na versão CD-ROM em parceria com o MEC.

Os sinais podem ser visualizados por três formas diferentes de busca: pela ordem alfabética, pelas categorias semânticas ou pela tabela de configurações de mãos, conforme figura 10. Assim como no dicionário *Sematos*, a análise dos sinais no *Acesso Brasil* foi facilitada

¹² Disponível em <<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>>

graças à presença do vídeo, que pode ser clicado quantas vezes forem necessárias para uma observação minuciosa.¹³



Figura 14: Página virtual do Dicionário Acesso Brasil

Abordadas as características gerais de cada dicionário, agora serão apresentados os procedimentos de análise utilizados para a realização da pesquisa.

Num primeiro momento, são selecionados vinte sinais de vocabulário básico, no sentido de serem sempre propostos como iniciais no processo de aquisição de Libras como L2. O critério utilizado para a escolha dos sinais considerados básicos na Libras teve referência na obra de Felipe (2007), intitulada *Libras em Contexto: Curso Básico*, publicada pela editora *WalPrint Gráfica e Editora* no Rio de Janeiro em 2007. O material, além de viabilizar o ensino em nível básico da Libras, favorece o estudo por meio de material impresso e DVDs elaborados pela própria comunidade surda do Brasil. Os sinais são: **cidade, banheiro, professor, cadeira, menino, férias, água, cachorro, família, homem, bicicleta, fazer, poder, ter, aprender, procurar, estudar, brincar, trabalhar e conhecer.**

A comparação da formação dos sinais foi realizada sempre em pares: primeiro, *Sematos X Linguagem das Mãos*; segundo, *Linguagem das Mãos X Acesso Brasil*; e terceiro, *Sematos X Acesso Brasil*. O dicionário virtual *Sematos* serviu de ponto de referência principal para a comparação, a que chamaremos de sinal de origem, por ser o dicionário da língua de sinais

¹³ É importante lembrar que as referências visuais de dicionários não garantem a frequência de uso pela comunidade de fala, devido à diversidade de variantes linguísticas existentes.

francesa a qual, conforme descrito no capítulo 1, seria mais próxima genealogicamente da Libras.

A análise comparativa levou em consideração os três principais parâmetros inicialmente considerados por Stokoe (1960), já apontados no capítulo 1, sendo eles: ponto de articulação, movimento e configuração de mão. Assim, a orientação das mãos e a expressão facial e/ou corporal não foram incluídas no processo de comparação, devido à falta de nitidez na representação desses parâmetros nos desenhos e nas fotos dos dicionários analisados, causando dificuldade para a descrição.

É importante também justificar que, por conta da dificuldade de captação de algumas imagens nos dicionários utilizados para a análise do *corpus*, sendo por problemas ou erros na reprodução do sinal, foi preciso procurar e retirar os sinais de outras fontes, como em sites e em livros. No entanto, essa seleção respeitou rigorosamente todas as características dos sinais dos dicionários, a fim de que o valor da pesquisa não ficasse de modo nenhum comprometido.

A terceira e última etapa desta pesquisa envolveu o estabelecimento de categorias de análise dos dados, as quais foram baseadas nos estudos de Diniz (2011), previamente comentado no capítulo 1.

A seguir, será dado início à análise comparativa dos dados e discussão dos resultados.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo está reservado à análise morfofonológica de sinais da LBS em comparação à produção em LFS, bem como a categorização dos resultados, a qual foi baseada na investigação de Diniz (2011). Em seu estudo, a pesquisadora classificou os sinais comparados em: *sinais idênticos* (quando não há nenhuma mudança em relação ao sinal de origem); *sinais cognatos*¹⁴ (aqueles que partilham pelo menos dois dos parâmetros investigados); e *sinais em mudança lexical* (sinais que apresentam mudança em dois ou em três parâmetros investigados).

Nas figuras abaixo, o sinal PROFESSOR em LSF é realizado com a mão aberta, a qual possui uma leve inclinação do polegar para baixo. Com a locação no espaço neutro, isto é, sem tocar nenhuma parte do corpo, o movimento de baixo para cima é repetido duas vezes. Comparando Acesso Brasil (Libras atual) com Oates (descrição da Libras nos anos 60), o sinal permaneceu idêntico, com a mão em forma de “P” sendo baixada e levantada movendo-a para a direita. A partir daí, podemos dizer que o sinal usado hoje na Libras se afastou em CM e M, confrontado com a LSF, preservando somente o espaço de enunciação (PA).

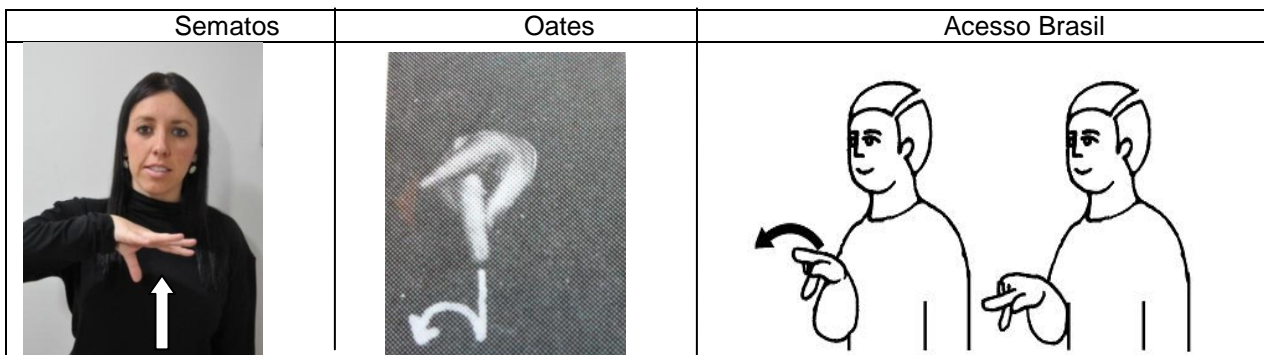


Figura 15: SINAIS DE PROFESSOR

¹⁴ Para Crowley (1992), cognatos são definidos como vocábulos de dois idiomas diferentes que são homogêneos o suficiente para serem considerados como semelhantes no que concerne à derivação linguística ou à raiz. Uma comparação entre as línguas faladas envolve a identificação de similaridades na estrutura silábica e segmental; nas línguas de sinais, a similaridade dos cognatos é baseada na comparação das configurações de mão, movimentos e locações no vocabulário de duas línguas de sinais diferentes.

O próximo sinal analisado aqui é FAMÍLIA. Esse sinal em LSF é produzido com alteração na CM, que não permanece a mesma durante a articulação do sinal, ocorrendo um movimento interno das mãos. São selecionados os cinco dedos que, abertos, fazem um movimento circular juntando-os. Como pode ser observado, no Oates e no Acesso Brasil¹⁵, em Libras o sinal tem produção diferente da LSF, além de não ter sofrido alteração ao longo do tempo. Nele, as mãos em “F” se movem em uma curva para frente até os dedos mínimos se tocarem pelos lados. Logo, nos três dicionários consultados, o único parâmetro em comum entre Libras e LSF é o PA, localizado nas mãos. Ou seja, ou este sinal passou por grande transformação morfológica ou as duas línguas não usam o mesmo sinal em sua origem, pois as diferenças na configuração são grandes.

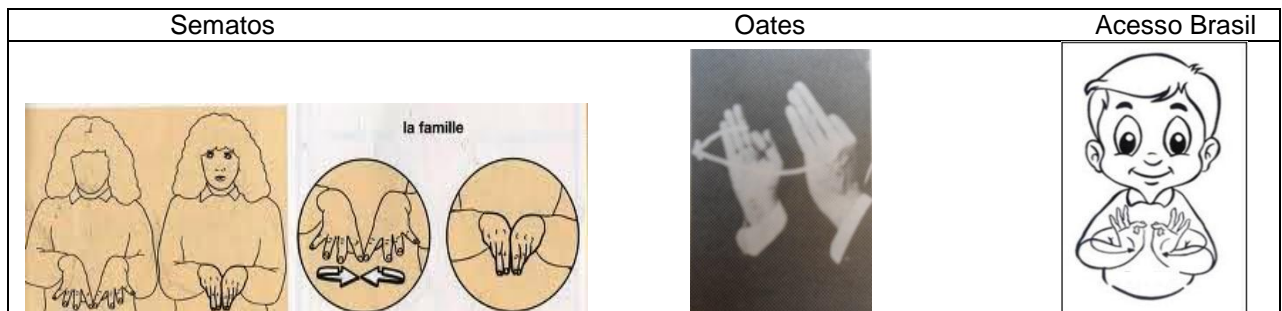


Figura 16: SINAIS DE FAMÍLIA

Outro sinal estudado é CADEIRA. Para a realização desse sinal, em Sematos, utilizam-se as duas mãos com apenas o polegar e o dedo mínimo levantados. O sinal tem movimento simples, ou seja, sem repetição, de baixo para cima. Em Oates e em Acesso Brasil nota-se diferença não só no movimento, mas também na seleção dos dedos. Em Oates, a mão direita está curvada e colocada em cima da outra mão em forma de “U”, as quais se movem um pouco para frente. Já em Acesso Brasil, a mão direita ativa é apoiada pela mão esquerda passiva, a qual só seleciona um dedo, e não dois comparado com o sinal em Oates - porém, é preciso dizer que é corrente ainda o uso do sinal com a seleção de dois dedos como no Oates. Provavelmente, as duas variantes estejam em concorrência. Então, como a comparação aqui se dá pelo Oates, a diferença entre o sinal descrito para o uso nos anos 60 com o atual se dá pelo movimento das mãos para frente no primeiro e para baixo no segundo. Além disso, o movimento das mãos não é para frente, mas sim para baixo. Desse modo, o sinal atual na

¹⁵ A outra variante comumente usada para o sinal FAMÍLIA, porém não contemplada pelo Acesso Brasil, é realizada com os dedos indicador e polegar se tocando, formando um pequeno círculo, em que as mãos se movem em uma curva para frente até os dedos mínimos se tocarem pelos lados. De igual modo, esse sinal difere em CM e M, preservando somente a locação, em relação à LSF.

Libras não preservou, comparado com a LSF, nenhum parâmetro em questão, pois a ponto de articulação do sinal em Sematos se dá no espaço neutro, enquanto que em Oates e em Acesso Brasil, dá-se nas mãos. Novamente, pode-se questionar, então, se tais sinais teriam a mesma origem, uma vez que as diferenças morfológicas se dão em mais de um parâmetro.

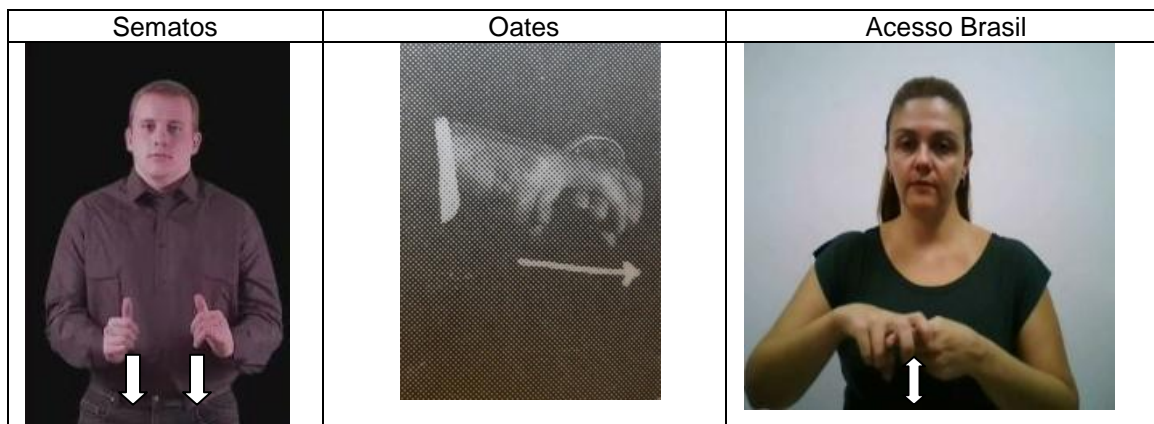


Figura 17: SINAIS DE CADEIRA

O próximo sinal a ser analisado é BRINCAR. Em LSF, ele é realizado com as duas mãos, nas quais os dedos polegar e mínimo estão colocados para cima em “Y”, fazendo um movimento trêmulo repetido. Em Oates, a descrição para BRINCAR se dá com as palmas para dentro em posição horizontal, em forma de “I”. O movimento é traçado com pequenos círculos no ar com as pontas dos dedos mínimos. Já no sinal registrado pelo Acesso Brasil, nota-se que há preservação do movimento e do ponto de articulação (espaço neutro), porém com a configuração de mão igual à sinalização da LSF. Portanto, o PA é o único parâmetro em comum encontrado nos três dicionários analisados, mas a relação entre Oates e Acesso Brasil mantém dois parâmetros, mostrando uma proximidade maior entre esses sinais do que em relação ao da LSF.

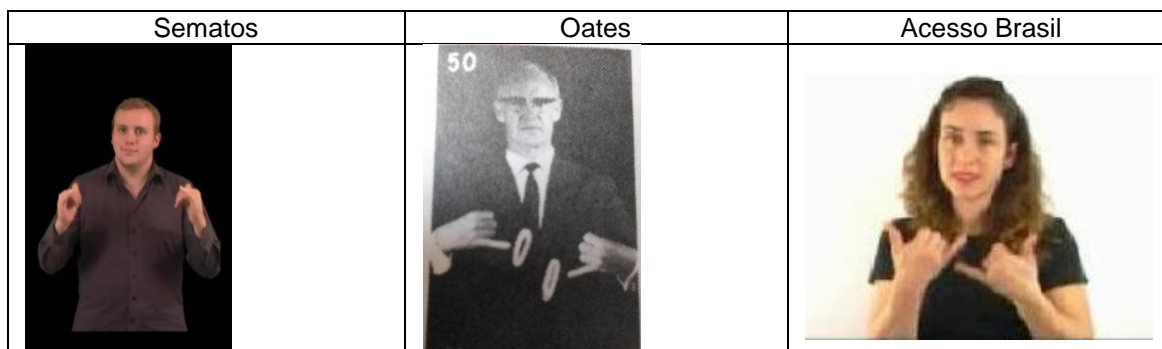


Figura 18: SINAIS DE BRINCAR

Dando continuidade à investigação, observa-se a formação do sinal BICICLETA. Na LSF, esse sinal é produzido com as mãos que se iniciam fechadas na vertical e, ligeiramente, são distendidas para o lado no espaço neutro. Essa forma é muito próxima da organização morfológica dos sinais descritos pelo Oates e pelo Acesso Brasil. O sinal nesses dois dicionários é o mesmo, mantendo a iconicidade muito forte, ou seja, faz lembrar o objeto. Essa questão sobre a formação dos sinais foi discutida no capítulo 1 citando Greenberg (1957), para quem as semelhanças lexicais podem se dar por simbolismo compartilhado com motivações icônicas. Vale retomar também, do capítulo 2, a proposta de Frishberg (1975), para quem a mudança histórica favorece um aumento da arbitrariedade dos sinais e uma perda de sua iconicidade. Por outro lado, nos casos aqui descritos para BICICLETA, a iconicidade parece ser mantida nos três sinais, sendo as mãos fechadas em “A” na horizontal que se movem alternadamente em círculos, o que simula alguém pedalando. Houve, portanto, alteração morfológica no sinal atual da Libras com CM e M diferentes da LSF, preservando unicamente o espaço de enunciação (PA).

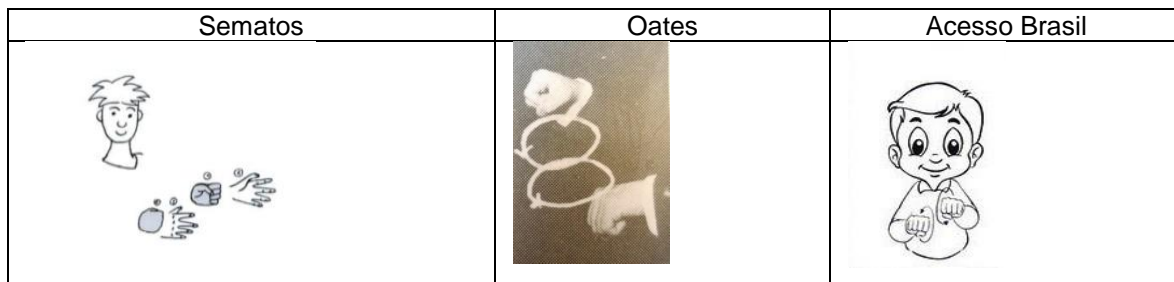


Figura 19: SINAIS DE BICICLETA

Na Figura 20, o sinal de PROCURAR em LSF é descrito com a palma das mãos para baixo, os dedos em “V” são flexionados repetidamente. Em Oates, as palmas também estão para baixo com os dedos em “V”, porém com a mão direita cruzada no dorso na esquerda, movimentando-as em pequenos círculos. Já no registro do Acesso Brasil apresenta o sinal com palmas contrárias (para cima e para baixo), em que a mão esquerda passiva na horizontal está fechada, ao passo que a mão direita, virada para cima, utiliza os dedos em “V” fazendo um leve movimento circular. Logo, o ponto de articulação do sinal PROCURAR em LSF é no espaço neutro, ao passo que na Libras é nas mãos. A configuração da LSF se aproxima mais do sinal de PERCEBER em Libras, mas ainda com a diferença de que as palmas das mãos nessa última estão orientadas para cima. Novamente, apenas o ponto de articulação não sofreu alteração, ou a relação entre eles se transformou por conta do uso de sinais semanticamente próximos.

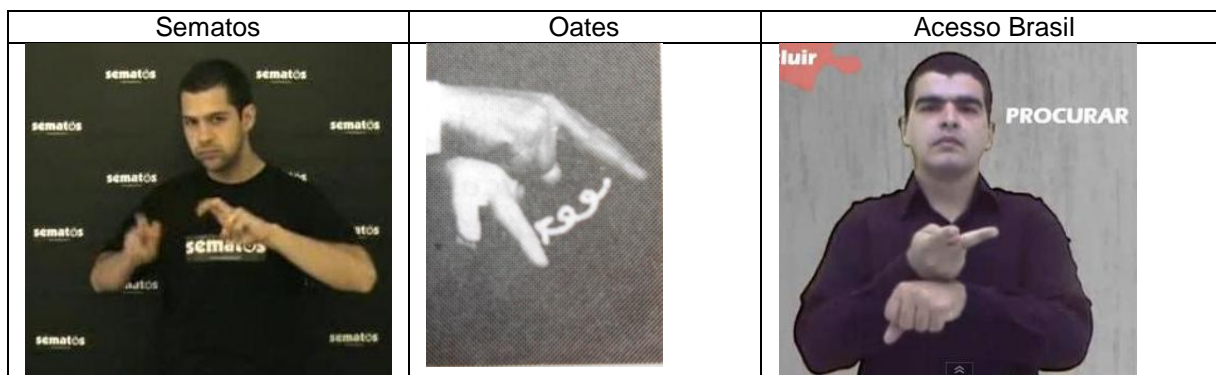


Figura 20: SINAIS DE PROCURAR

Na Figura 21, o sinal FAZER, em LSF, é realizado com as duas mãos na horizontal, com a esquerda em “G” e a direita em “A”. Essa mão com um movimento simples, envolve a esquerda e desliza para fora. Em Oates, com as mãos fechadas em “A”, as unhas dos polegares são batidas uma contra a outra, fazendo um movimento repetido. Comparado esse sinal com o do Acesso Brasil, nota-se apenas uma diferença no parâmetro CM, pois nele as mãos estão configuradas em “Y” com os dedos mínimos levantados. Assim, partindo do sinal de origem, FAZER, na Libras atual, distanciou-se em CM e M, mantendo apenas o PA na mãos.

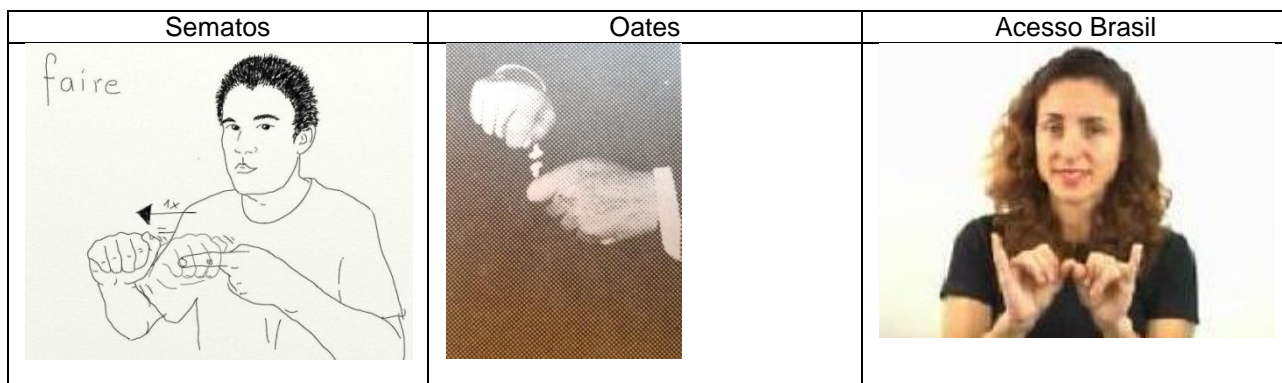


Figura 21: SINAIS DE FAZER

Outro sinal considerado aqui, na Figura 22, é TRABALHAR. Em LSF, ele é feito com as duas mãos fechadas em “A” na vertical, em que uma bate contra a outra duas vezes (locação na mão, o que lembra o sinal de PEDREIRO em Libras. Comparando o Oates e o Acesso Brasil, observa-se a mesma formação para o sinal: as mãos em “L” estão na horizontal, separadas, palmas para baixo são movidas alternadamente para fora e para dentro duas vezes (locação no espaço neutro). Logo, verifica-se que o sinal TRABALHAR, na Libras atual, afastou-se em CM, M e PA, contrastado com o sinal da LSF.

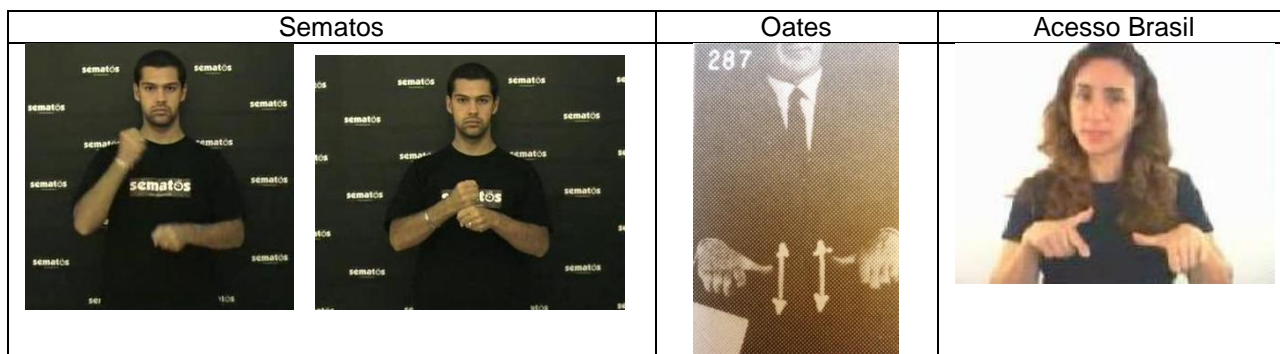


Figura 22: SINAIS DE TRABALHAR

Na sequência será descrito o sinal CIDADE. Na LSF, ele é realizado com as duas mãos em “V” colocadas uma sobre a outra, cruzando-as e que, ao abrir os braços, as mãos se afastam para os lados. Comparado com Oates e Acesso Brasil, o sinal apresentou mudança nos parâmetros CM, M e PA. Nos dois dicionários de Libras, as mãos estão abertas, com palmas para baixo e dedos apontados para lados opostos. As mãos são passadas uma perto da outra, movimentando-as todos os dedos ao mesmo tempo, indicando o povo andando nas ruas.

Vale salientar que, conforme foi justificado nesta pesquisa, por ter sido escolhido o dicionário digital Acesso Brasil para visualização dos sinais atuais na Libras, não foram contempladas as demais variantes existentes na comunidade linguística. Logo, é preciso dizer que esse não é o sinal mais recorrente em Curitiba, por exemplo. A outra forma de CIDADE é com a mão esquerda em “O” e a mão direita em “D” em posição horizontal com a palma para dentro, em que a ponta do “D” encosta no “O”. De igual modo, esse sinal difere em CM, M e PA em relação à LSF.

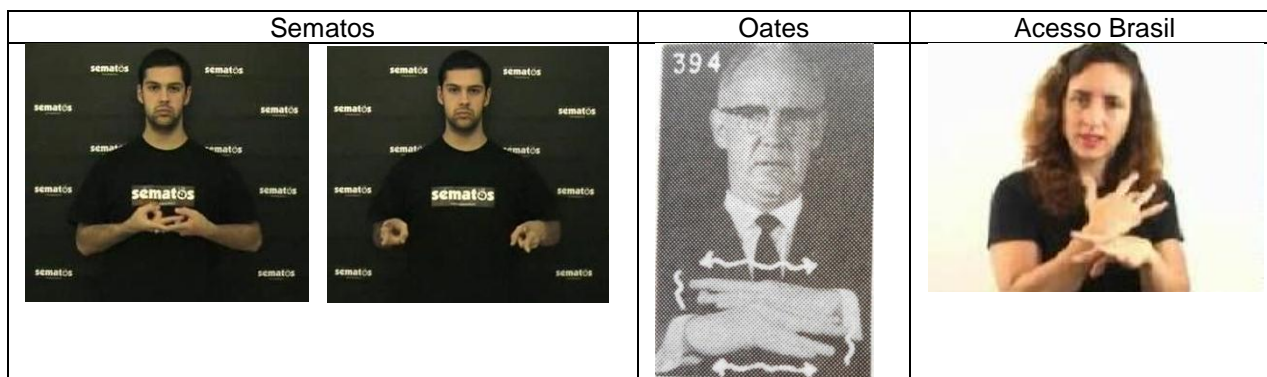


Figura 23: SINAIS DE CIDADE

Outra vez, a próxima análise mostra que a relação entre os sinais de Libras e a língua francesa de sinais parece guardar apenas o ponto de articulação como parâmetro morfológico em suas realizações. Dessa maneira, ou as origens desses sinais não são nem tão familiares nem tão icônicos como se pensa. Nesse caso, o sinal APRENDER em LSF, da Figura 28, é realizado com as duas mãos, em que a direita é deslocada da testa sobre a esquerda, no espaço neutro, movimentando-a duas vezes. Analisando o sinal do Oates e do Acesso Brasil, percebe-se que na Libras o ponto de articulação na testa permaneceu e, a configuração de mão, que agora se dá em “S”, abre e fecha a mão duas vezes. Com isso, a partir da LSF, a Libras teria sofrido alteração morfológica na CM e M, mantendo parcialmente o PA.

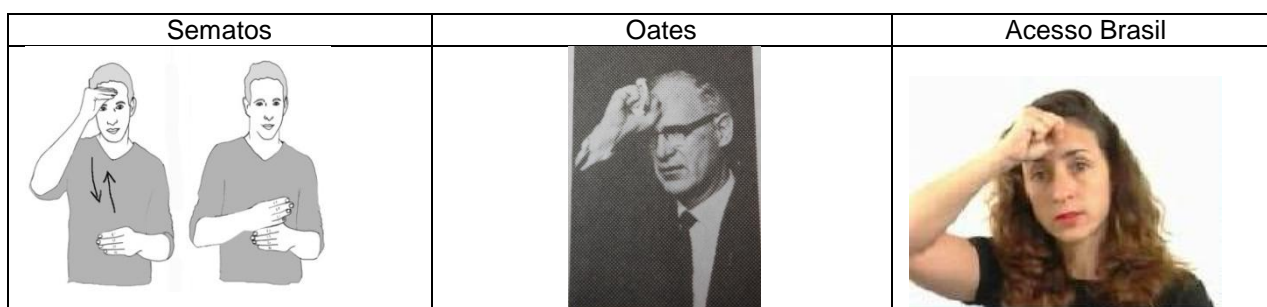


Figura 24: SINAIS DE APRENDER

No sinal a seguir, ÁGUA, em LSF, o dedo indicador da mão em “D” flexiona-se para cima e para baixo, em frente ao corpo do sinalizador, no espaço neutro, enquanto que em Oates e Acesso Brasil, a produção se dá com a mão em “L”, colocada no queixo (PA), movendo um pouco o dedo indicador para o lado. Logo, o sinal em Libras variou em CM, M e PA, ou seja, todos os parâmetros investigados.

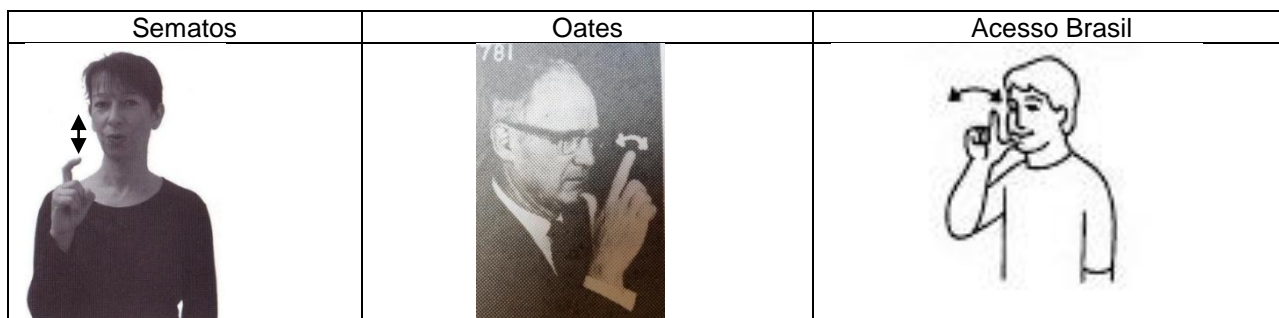


Figura 25: SINAIS DE ÁGUA

O sinal ESTUDAR, Figura 26, mantém o ponto de articulação e altera outros parâmetros da LSF para a Libras. Na primeira, a produção desse sinal ocorre com as duas mãos colocadas juntas e palmas voltadas para frente do rosto, movimentando-as levemente de um lado para o outro. Já em Oates e em Acesso Brasil, com as palmas para cima, na horizontal, bate-se o dorso da mão direita aberta sobre a palma esquerda duas vezes. Desse modo, nota-se o afastamento nos parâmetros CM e M na Libras em relação à LSF, mas a manutenção do PA, dada nas mãos.

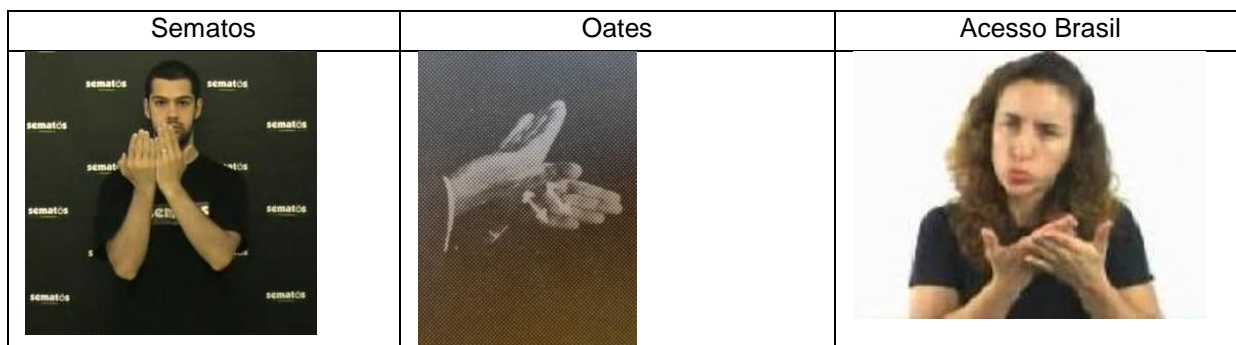


Figura 26: SINAIS DE ESTUDAR

O próximo sinal do vocabulário básico de Libras é HOMEM. Este sinal difere inclusive na relação icônica entre Libras e LSF, pois, naquela, a proximidade da estrutura linguística com o objeto referenciado se dá pelo desenho de barba e, na francesa, pelo bigode - sendo realizado com a mão colocada no canto da boca, dando a ideia de “puxar o bigode”. No Oates e no Acesso Brasil, a descrição da realização de HOMEM ocorre com as pontas dos dedos colocadas no queixo, afastando-as para baixo e unindo-as ao mesmo tempo. Desse modo, corroborando com as investigações de Frishberg (1975), cuja discussão se deu capítulo 2, é possível dizer que os sinais possuem um mesmo campo semântico e, morfologicamente, têm o mesmo ponto de articulação, neste caso, a região da cabeça / facial.

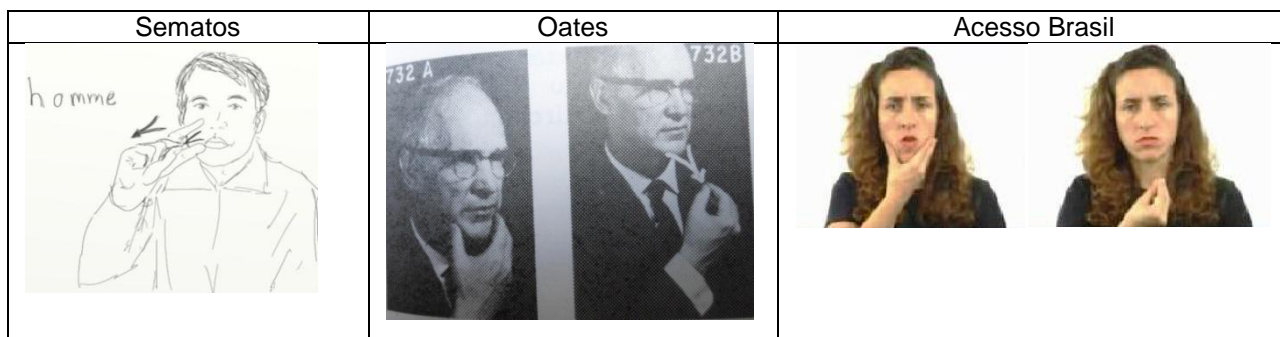


Figura 27: SINAIS DE HOMEM

Agora, o sinal a ser analisado é MENINO, que parece bastante diferente entre as duas línguas. Em LSF, ele é produzido em frente à testa (espaço neutro) com a mão em “1” na horizontal, em que somente o polegar encontra-se esticado. Na sequência, a mão é virada, deixando a palma para o lado de dentro e o dorso para fora. Quando se compara com o sinal em Oates e em Acesso Brasil, nota-se a junção de dois sinais sem a ocorrência de alteração fonética - processo morfológico de composição por justaposição - conforme mostrado neste trabalho na seção Morfologia. Trata-se da junção do sinal, já descrito acima, HOMEM + sinal BAIXO, em que a altura é indicada com a mão aberta e palma para baixo. Este sinal, portanto, variou em CM, M e PA, comparado com a LSF, ou seja, não parece ter nenhuma proximidade entre o sinal de Libras e o da língua francesa de sinais.

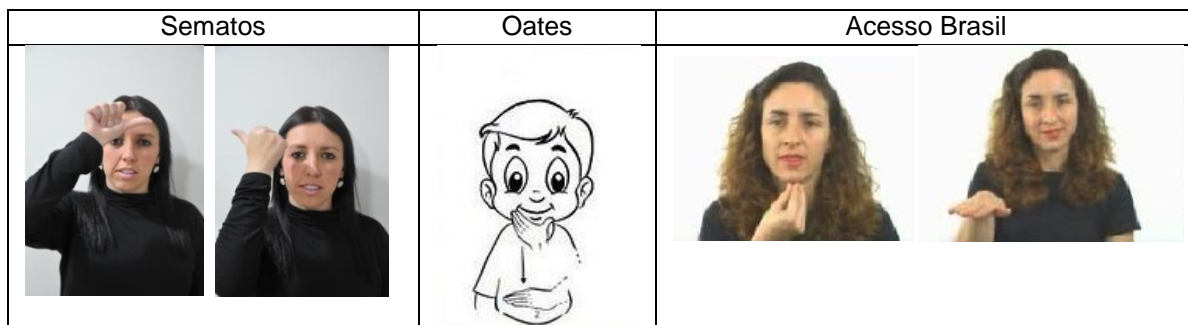


Figura 28: SINAIS DE MENINO

CACHORRO é o sinal investigado e descrito na Figura 29. Em LSF, a produção desse sinal ocorre com a mão aberta em “B” posicionada na diagonal no peito, movimentando-a levemente para cima e para baixo, sendo muito parecido com a carga semântica do sinal CORAÇÃO e AMIGO em Libras. Observa-se que é totalmente arbitrário, isto é, não há iconicidade envolvida nessa realização. Já em Oates, o sinal é fortemente icônico. Então se a iconicidade se perde no afastamento histórico entre a criação do sinal e uso recorrente, como explicar a origem da Libras na LSF? Nos anos 60, CACHORRO era produzido com a mão colocada diante da boca, com a palma para frente e com os dedos separados e curvados. O movimento era dado pelo fechamento rápido da mão para frente duas vezes, formando ao mesmo tempo nos lábios “Au-Au” (expressão facial). Em contrapartida, comparando com Oates, o sinal CACHORRO na Libras atual também é feito com a mão diante da boca, com os dedos separados e curvados, mas com a palma para dentro, movimentando-a duas vezes contra à boca. Logo, em relação à LSF, esse sinal sofreu variação nos três parâmetros fonológicos analisados: CM, M e PA, ou eles não têm a mesma origem em sua raiz morfológica.

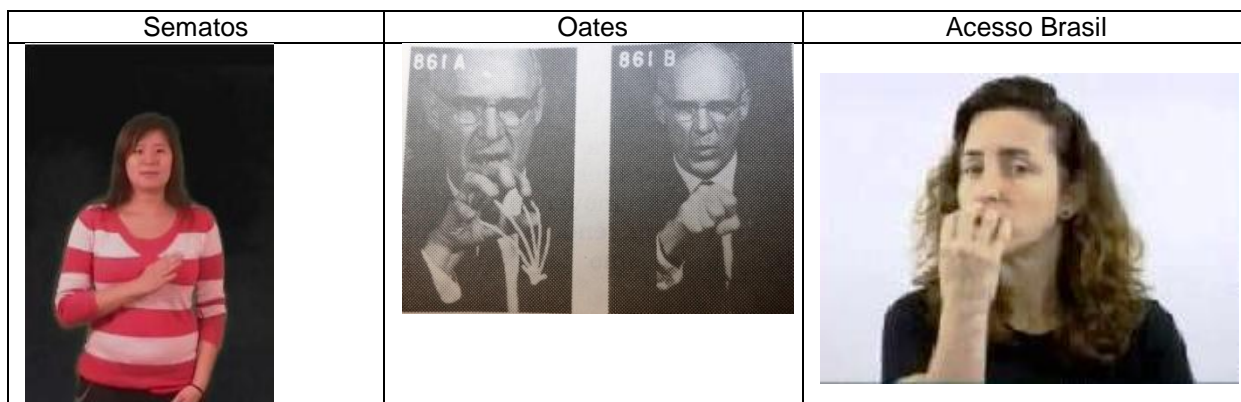


Figura 29: SINAIS DE CACHORRO

Também se distancia da LSF o sinal CONHECER da Libras. Na primeira, Figura 30, a descrição mostra que usa-se somente uma mão para a realização desse sinal, a qual é pressionada na região lateral da cabeça. Em Oates, a mão com dedos separados em “B” é colocada pelo indicador junto à bochecha. A descrição do Acesso Brasil, por sua vez, mostra que a CM permaneceu a mesma dos anos 60, mas alterou a locação (queixo) e o movimento (tocado duas vezes). Aqui se pode fazer uma analogia com o verbo *know* e *meet*¹⁶ no inglês, pois a carga semântica do sinal na LSF está mais relacionada ao *know*, enquanto que na Libras ao *meet*. Isto é, o valor semântico pode estar relacionado à alteração morfológica na Libras. Logo, em relação à língua francesa, o sinal em Acesso Brasil apresentou variação em CM, M e PA, quer dizer, em todos os parâmetros.

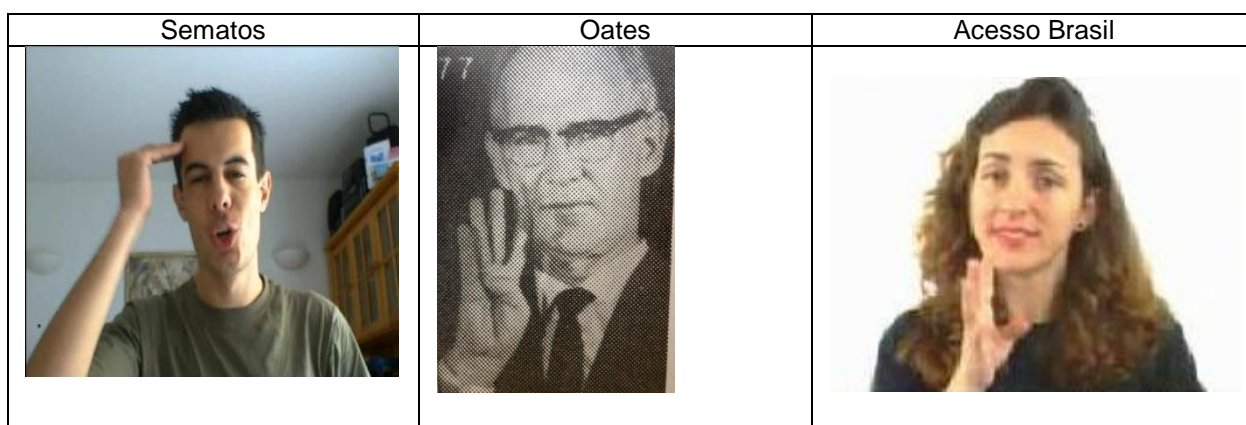


Figura 30: SINAIS DE CONHECER

¹⁶ Exemplo: *I know Spanish* (Eu sei espanhol). *I met Jane last year* (Eu conheci Jane ano passado).

Outro sinal que se diferencia nos três dicionários é o de BANHEIRO, Figura 31. Em LSF, ele é realizado com somente uma mão, em “B”, na vertical, a qual é colocada com a palma para dentro, movimentando-a levemente em frente do rosto. Já no Oates, nota-se que o sinal é fortemente icônico, em que os dedos da mão são apontados para baixo movimentando-os rapidamente acima da cabeça (indicando o chuveiro). Logo depois, as mãos abertas no tronco são utilizadas para se esfregar. Desse modo, o sinal de BANHEIRO, nos anos 60, referia-se a tomar banho. Comparando o sinal em Oates com Acesso Brasil, observa-se que essa iconicidade foi perdida, passando para o sinal mais arbitrário, em que o braço esquerdo apóia o dedo indicador e mínimo da mão direita ativa, tocando duas vezes no braço passivo. Portanto, o sinal atual na Libras se afastou em CM, M e PA, confrontado com o sinal de origem.

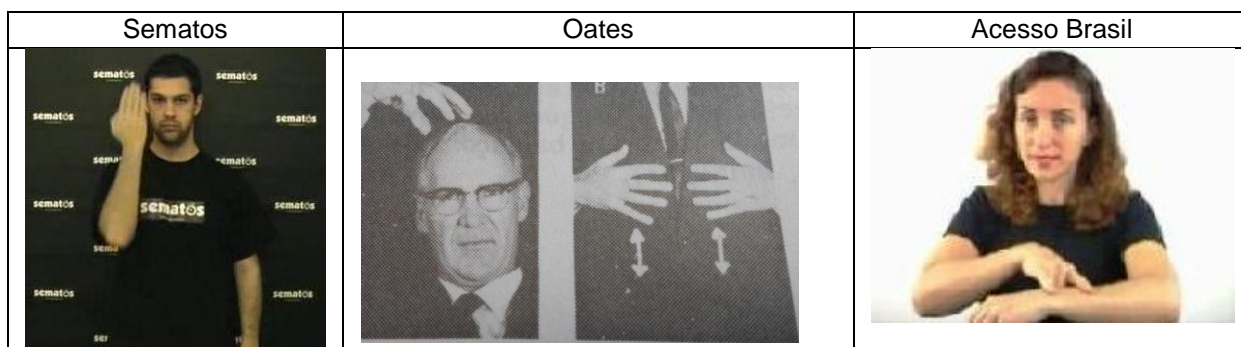


Figura 31: SINAIS DE BANHEIRO

No caso do sinal FÉRIAS, analisado a seguir, novamente há um grande distanciamento entre a Libras e a LSF. Nessa última, para a produção desse sinal, os dois braços se cruzam, com ambas as mãos em “V”. Diferentemente, em Oates e na Libras atual, a mão esquerda está fechada com a palma para baixo, enquanto que a mão ativa em “F” na horizontal faz um suave círculo no dorso da mão passiva. Novamente, assim como as Figuras 28, 29, 30 e 31, houve variação nos três parâmetros constituintes dos sinais das duas línguas.

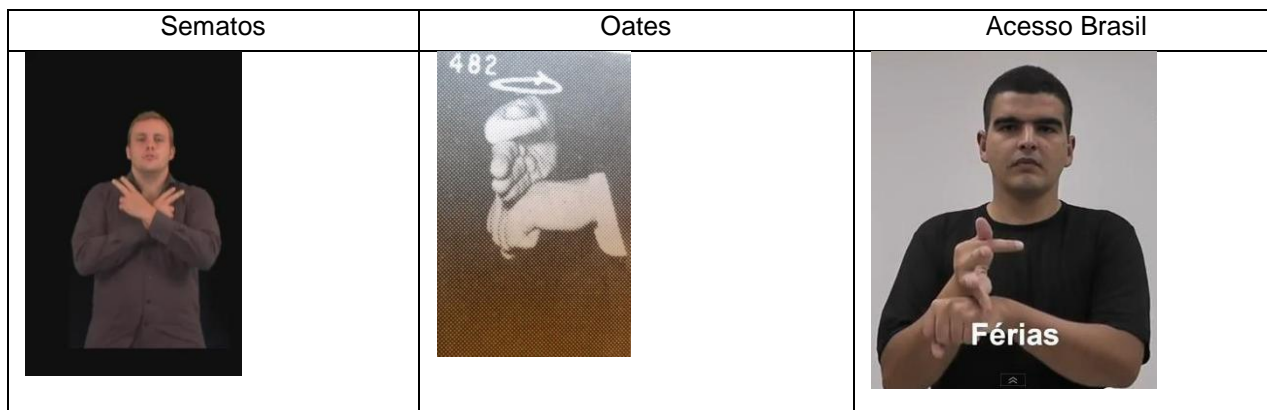


Figura 32: SINAIS DE FÉRIAS

A seguir, um sinal que ainda tem parâmetros muito próximos entre as duas línguas: PODER. Na Figura 32, apresenta-se o sinal PODER em LSF, cuja realização ocorre com as mãos fechadas em “S” no espaço neutro e com um movimento de cima para baixo. Essa configuração se mantém na descrição do Oates e do Acesso Brasil, ou seja, o sinal preservou o PA, M e CM, portanto cognato. Apenas a orientação das mãos mudou, antes eram dispostas horizontalmente na LSF, e, agora, na Libras, ficam na vertical.

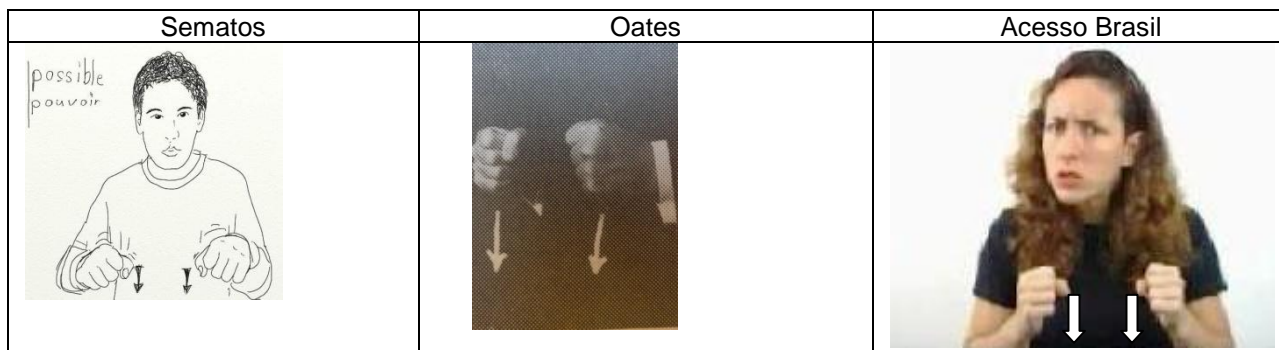


Figura 33: SINAIS DE PODER

O último sinal analisado neste trabalho é o TER, na Figura 33. Na LSF, ele é feito com a mão aberta com os dedos separados e apontados para cima, cujo movimento se dá duas vezes encostando o dedo polegar no peito. Comparado com o sinal descrito no Oates, observa-se a perda do movimento, conforme descrição da glosa “encostar a mão no peito, guardando-a aí por um momento” (OATES, 1969, p.74). No Acesso Brasil, por sua vez, TER é realizado com a CM em “L”, em que o dedo polegar é tocado na região peitoral duas vezes, quer dizer, mantendo a PA. Assim, a partir do sinal de origem, o sinal na Libras atual sofreu alteração morfológica somente no parâmetro CM, sendo igualmente classificado como cognato.

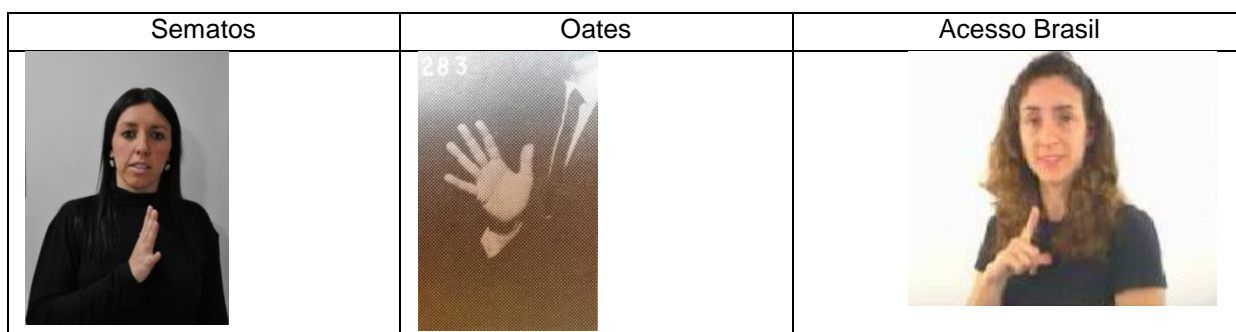


Figura 34: SINAIS DE TER

Para sumarizar essa análise, com base na categorização apresentada por Diniz (2011), no estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras, encerra-se esta seção com um quadro que sintetiza as propriedades encontradas nos 20 sinais analisados nesta pesquisa. Esse quadro aponta para alterações morfológicas de sinais de Libras dos anos 60 para os usos atuais, mas é possível perceber a manutenção da raiz morfológica na maioria dos sinais. Isso já não acontece com relação à LSF, que parece manter apenas o ponto da articulação como parâmetro mais forte na Libras. Ou o tempo realmente levou a transformações distanciadas entre as duas línguas, por afastamento da iconicidade, ou, talvez, esses sinais não tenham a mesma raiz como tronco familiar.

Categoria dos sinais	Sematos X Oates	Oates X Acesso Brasil	Sematos X Acesso Brasil
Sinais idênticos	1	12	0
Sinais cognatos	1	2	1
Sinais em mudança lexical	19	8	20

Quadro 3: As três categorias dos sinais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da educação dos surdos brasileiros por meio dos sinais começa na época do império, com a chegada do professor surdo Edward Huet e, posteriormente, fortalecendo-se com a fundação do *Instituto de Surdos-Mudos*, atual INES, em 1857 no Rio de Janeiro. Por causa do trabalho do professor Huet, a Libras teve grande influência da língua de sinais francesa. Desse modo, levando em consideração a relação histórica entre as duas línguas em questão, este trabalho procurou contribuir para a análise dos fenômenos de variação e mudança linguística.

Verificou-se que as línguas de sinais, assim como as orais, estão sujeitas ao processo contínuo e gradual de variação e mudança linguística, seja por motivações internas ou pelo contato com outras línguas. A partir disso, a hipótese anteriormente formulada foi confirmada, tendo em vista que processo de mudança nas línguas humanas é intrínseco ao sistema linguístico e, também, ao grau de complexidade dos princípios linguísticos que as línguas naturais compartilham.

De fato, a análise morfofonológica permitiu apreciar a variação dos sinais da Libras ao longo do tempo. Assim, o resumo da análise dos dados ficou da seguinte forma:

a) Levando em conta os três parâmetros morfofonológicos averiguados, o ponto de articulação foi o que menos variou, talvez por ser a locação o espaço em que tudo acontece, ou seja, o local onde o sinal se inicia e é realizado.

b) Os sinais comparados entre *Sematos X Linguagem das Mãos*, 19 apresentaram mudanças em algumas dessas unidades. Entre *Linguagem das Mãos X Acesso Brasil*, 8 sinais sofreram variação; e entre *Sematos X Acesso Brasil*, todos os vinte sinais variaram. Isso pode sugerir que tais sinais não tenham parentesco ou que no processo de afastamento da iconicidade em direção a arbitrariedade, as duas línguas seguiram caminhos bem diferentes para a formação dos sinais.

Embora esta pesquisa tenha contemplado apenas alguns sinais da LSB e da LSF, o tema requer mais pesquisas para que seja melhor aprofundado. Para isso, é necessária a realização de estudos interlinguísticos mais abrangentes. É necessária também a coleta e análise de mais dados sobre as línguas de sinais sem relações históricas e que sejam geograficamente distantes, além de se analisar diferentes gêneros de discurso sinalizado.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. A. **História da Língua Brasileira de Sinais em Campo Grande – MS**. Editora ARARA AZUL Ltda. 2005.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, Anna C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, v.1, p. 21-47.
- ARONOFF, M.; MEIR, I.; PADDEN, C. & SANDLER, W. Morphological universals and the sign language type. In: BOOIJ, G.; MARLE, J. van. **Yearbook of Morphology**. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2004. p. 19-38.
- BAKER, C. e C. PADDEN. **American Sign Language: A Look at its History, Structure, and Community**. Silver Spring, Md.: T.J. Publishers, Inc., 1978.
- BASILIO, Margarida. **Teoria Lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BATISTA, Ronaldo de O. **A palavra e a sentença: estudo introdutório**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BATTISON, R.; MARKOWICZ, H.; WOODWARD, J. C. A Good Rule of Thumb: Variable Phonology in American Sign Language. IN: FASOLD, R.W.; SHUY, R. (Orgs.). **Analyzing Variation in Language**. Washington D.C: Georgetown University Press, 1975.
- BATTISON, Robbin. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 abr. 2002, n.79, ano CXXXIX, Seção 1, p.23. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm> Acesso em 25 de maio de 2013.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Parábola Editorial, 2002.
- CAPOVILLA, F. O desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética na educação bilíngüe do surdo congênito. In: RODRIGUES, C.; TOMITCH, L. M. B. [et al]. **Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares**. Porto alegre: Artmed, 2004.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **A língua falada e o ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2000.
- CASTRO JÚNIOR, Gláucio. **Variação linguística em língua de sinais brasileira - foco no léxico**. Mestrado (Dissertação). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a Linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1976.

CROWLEY, T. **An introduction to historical linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

Cuxac, Christian. **La Langue des Signes Française (LSF): Les voies de l'iconicité**. Paris: Ophrys. 2000.

DINIZ, Heloise Gripp. **A História da Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

FELIPE, Tanya A. **Libras em contexto: curso básico**. Livro do estudante. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001.

_____. Os processos de formação de palavras na Libras. In: **Estudos linguísticos Grupo de Estudos Surdos e Educação**. Campinas, Unicamp, jun. 2006.

_____. **Libras em contexto: Curso Básico: Livro do estudante**, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 7 ed. 188p. 2007.

FERNANDES, Sueli F. **Práticas de letramento na educação bilíngüe para surdos**. Curitiba : SEED, 2006.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB**. Espaço: Informativo Técnico-Científico do INES, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.20-43, 1990

_____. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira-Brito e Langevin de Transcrição de Sinais. In.: FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FINAU, R. A. **Os sinais de tempo e aspecto na Libras**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2004.

FRISHBERG, N. **Arbitrariness and Iconicity: Historical Change in American Sign Language**. Language Vol. 51, No. 3 (Sep., 1975), p. 696-719, 1975.

GAMA, F. J. **Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

GREENBERG, J. **Essays in Linguistics**. Chicago: University of Chicago Press, 1957.

HARMERS, J e BLANC, M. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KLIMA, E; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge, MA: Harvard University, 1979.

LABOV, Willian. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LANE, Harlan & PHILIP, Franklin. **The Deaf Experience – classics in language and education**. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.

MONTAIGNE, Michel de. **Les Essais**. Paris: Gallimard, 2009.

OATES, E. **Linguagem das Mãos**. Rio de Janeiro: Editora Santuário, 1969 [1983].

PAULSTON, CB. **Bilingual education**. Theories and issues. Rowley, Massachusetts: Newbury House Publishers, 1980.

QUADROS, R. M. A expressividade na língua de sinais. In STROBEL, K. (Org.) **Surdez-abordagem geral**. Curitiba, APTA/FENEIS, 1995.

_____. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Artes Médicas, Porto Alegre, 1997.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 221 p.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo: caminhos para uma nova Identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

ROSA, Maria C. **Introdução à Morfologia**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SAINT-AUGUSTIN. **Le Maître**. Traduction, présentation et notes de Bernard Jolibert, 2ème édition revue et corrigée. Paris: Klincksieck, 2002.

SANDLER, Wendy. **Hand in hand: the role of the nondominant hand in ASL**. The Linguistic Review 10. 337-390, 1993a.

SANDLER, Wendy. Sign Language Phonology. In FRAWLEY, J. W. **The Oxford International Encyclopedia of Linguistics**. Ed. Oxford University Press, 2003.

SANDLER, Wendy e LILLO-MARTIN, Diane. **Sign language and linguistic universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SIPLE, P. **Visual constraints for sign language communication**. Sign Language Studies, v. 19, p.95-110, 1978.

STOKOE, William C. **Sign language structure**. Studies in Linguistics – Occasional Papers 8. Buffalo, NY: Department of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo. MD: Linstock Press, 1960.

STROBEL, Karin; FERNANDES, Sueli. **Aspectos Lingüísticos da LIBRAS**. 1998. PARANÁ, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação: 1998.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.

PADDEN, Carol. **Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language**. New York: Garland Publishers, 1988.

WILBER, R. **American sign language**: linguistic and applied dimensions. San Diego, California: College Hill Press, 1987.

ZESHAN, Ulrike. Towards a notion of 'word' in sign languages. In: DIXON, R. M. W. and AIKHENVALD, Alexandra Y. **Word: A cross-linguistic typology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.